Dia 29 — Santo Tomás de Cantuária e o Rei Davi

Martirológio Romano

O triunfo de Santo Tomás, bispo e mártir, em Cantuária; ao qual, por defender a justiça e a imunidade eclesiástica, deram morte uns ímpios facínoras em sua própria igreja. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

O santo rei e profeta Davi, em Jerusalém. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A morte gloriosa de São Trófimo, em Arles, na França, de quem faz memória São Paulo escrevendo a Timóteo («E a Trófimo deixei doente em Mileto», cap. 4, v. 20); o qual, consagrado bispo pelo mesmo Apóstolo, foi o primeiro que naquela cidade pregou o Evangelho de Cristo: de cuja pregação, como de uma fonte, segundo escreve São Zósimo, papa, manaram os arroios da fé por toda a França.

Os santos mártires Calisto, Félix e Bonifácio, em Roma.

Os santos mártires Domingos, Vítor, Primiano, Libósio, Saturnino, Crescêncio, Segundo e Honorato, na África.

São Crescente, discípulo do apóstolo São Paulo e primeiro bispo de Viena, na França, na mesma cidade.

São Marcelo, abade, em Constantinopla. (A Ordem dos Acemetas, da qual foi abade São Marcelo, diferencia-se de outras dos Basílios só na regra particular de que cada mosteiro está dividido em vários coros que, sucedendo-se um ao outro, continuam noite e dia sem interrupção os ofícios divinos: de cuja circunstância derivaram seu nome, que significa em grego *sem sono*. Era São Marcelo natural de Apameia, na Síria, de família nobre e rica; e tendo estudado as ciências sagradas, deu aos pobres todo o seu patrimônio antes de tomar o hábito dos Acemetas. Pelos anos de 463, Estúdio, cavaleiro que havia sido cônsul no ano de 463, fundou para ele e seus monges um grande mosteiro dentro de Constantinopla, perto da Porta Áurea, no qual se diz haverem chegado a juntar-se mil monges ao mesmo tempo. Chamada esta casa com o título mesmo de seu fundador, os Acemetas começaram a chamar-se geralmente Estuditas. Marcelo assistiu ao concílio de Constantinopla, convocado por São Flaviano contra Êutiques, cuja heresia condenou nosso

santo Abade com os prelados que compuseram aquela venerável assembleia. Morreu no ano de 485 ou no de 486 e é honrado neste dia tanto por gregos como por latinos. Butler.)

São Ebrulfo, abade e confessor, numa aldeia de Hiesmes, no tempo do rei Childeberto. (Nasceu de ilustre berço em Bayeux, no ano de 517. Enamorado o rei Childeberto I de suas virtudes, elevou-o a diferentes postos de honra e autoridade e fez ver com seu exemplo que um cristão pode viver também no mundo sem ser dele em espírito e possuir riquezas sem ser possuído delas. Importunado por seus amigos, casou com uma mulher virtuosa e com a leitura de vidas de Santos se inflamavam mutuamente no desejo de abandonar o mundo. Convieram, pois, numa separação, e ela tomou o véu num convento, enquanto ele, depois de distribuir toda a sua fazenda aos pobres, refugiou-se num mosteiro da diocese de Bayeux. Aspirando a uma vida ainda mais perfeita, retirou-se logo em companhia de outros três à parte mais remota do bosque de Ouche, na diocese de Lisieux, que só habitavam feras e ladrões. Em consequência disto muitos dos ladrões, exortados pelo Santo, mudaram de vida e ficaram em sua companhia, ocupando-se em lavrar aquela terra. Aumentando diariamente o número dos que desejavam viver sob sua direção, viu-se obrigado a erigir um mosteiro em Ouche, na Normandia; logo fundou outros quinze mosteiros mais, de monges e de monjas, dos quais foi sempre o seu o principal e que governou por si mesmo. Costumava exortar a todos ao trabalho, dizendo-lhes que deviam ganhar seu sustento com suas obras e com seus serviços o céu. Fechou seus olhos ao mundo no ano de 596, e seu corpo foi sepultado na igreja de São Pedro, edificada por ele mesmo. Butler.)

Santo Tomás, Arcebispo de Cantuária e Mártir

Santo Tomás era inglês, de uma família distinguida por sua nobreza antiga e por sua piedade. Nasceu em Londres a 21 de dezembro do ano 1117. Seus pais lhe puseram o nome de Tomás por haver nascido no dia deste santo Apóstolo. Seu pai, chamado Gilberto Becket, sendo ainda jovem, cruzou-se por devoção e fez a viagem da Terra Santa com outros cavaleiros ingleses para servir na guerra contra os infiéis. Tendo caído numa emboscada de sarracenos visitando os Santos Lugares, foi preso e feito escravo no ano de 1114. Suas belas prendas lhe mereceram uma particular atenção de seu senhor, que era um dos primeiros oficiais de sua nação, e o fizeram amar da filha única daquele emir, a qual, embevecida com o que lhe havia ouvido dizer de nossa Religião, desejou fazer-se cristã. Tendo escapado Gilberto de sua prisão ao cabo de dezoito meses, a filha do emir fugiu da casa de seu pai, deixou seu país e veio à Inglaterra a encontrar a Gilberto. O bispo a batizou e lhe pôs o nome de Matilde: a qual, tendo casado com Gilberto, foi mãe de nosso Santo, a quem criou com o maior cuidado no espírito e máximas da religião cristã, sendo ela mesma o exemplo das senhoras cristãs. Dela, com especialidade, aprendeu Tomás a honrar com ternura a santíssima Virgem, a quem fez escolher por sua singular padroeira e de quem foi tão devoto toda a sua vida.

O jovem Tomás tirou do ventre de sua mãe as mais belas prendas, as quais foram cultivadas com uma ditosa educação. Tinha um entendimento vivo e desembaraçado, um juízo sólido e uma memória que conservava tenazmente quanto se lhe confiava. Seu ar, sua vivacidade, seus modos levavam tudo atrás de si. Voltando seu pai da segunda viagem da Terra Santa, pô-lo de pensionista num mosteiro para formá-lo nos princípios da Religião e nos exercícios da piedade cristã. Fez ali tantos progressos na virtude como nas letras humanas, nas quais saiu muito hábil. Era a honra e a glória de seus mestres e dava a conhecer quanto se aproveitava dos cuidados que empregavam em sua educação, quando perdeu a seu pai e a sua mãe quase ao mesmo tempo. Aos vinte e um anos de sua idade viu-se abandonado a si mesmo; mas, apesar dos maus exemplos que via, soube usar bem de sua liberdade. Foi a Paris continuar seus estudos, onde se distinguiu especialmente na ciência do direito.

Seus pais lhe haviam deixado muitas virtudes, mas poucos bens. Tendo-o tomado um senhor principal por seu secretário, quis que o acompanhasse em todas as suas diversões. A caça foi onde mais gosto achava; mas Deus fez um milagre para sará-lo desta paixão. Um dia que caçava de voo, ou de cetraria, à margem de um rio, tendo seu falcão feito meter no rio um pato a quem perseguia e tendo-se metido na água com ele, o temor de perdê-lo o fez lançar-se ao rio sem advertir o perigo a que se expunha por libertar seu falcão: a corrente da água o levou até um moinho, onde ia ser estrelado contra a roda, quando, por um milagre visível, a roda parou de repente até que Tomás foi tirado da água. Reconheceu o favor de uma proteção tão visível e renunciou a todas estas diversões, aplicando-se desde então a ocupações mais sérias. Apesar da reputação que adquiriu na administração dos negócios civis, desgostou-se deles e, não podendo sua retidão sofrer as vexações e as injustiças que via, achegou-se a Teobaldo, arcebispo de Cantuária; o qual, reconhecendo nele um engenho sobressaliente e um grande fundo de piedade, empregou-o no despacho dos maiores negócios de sua diocese. Enviou-o a Roma por negócios muito delicados, mas Tomás nada empreendeu jamais de que não saísse felizmente. Advertindo cada dia o Arcebispo mais mérito em seu superintendente, creu não poder fazer maior serviço à igreja que conquistar-lhe um tão digno sujeito e assim o ordenou diácono.

Era demasiado grande seu mérito para não ter invejosos. Rogério, arcediago de Cantuária, foi toda a sua vida seu inimigo mortal. Tomás não lhe correspondeu senão com uma inalterável paciência. Tendo sido criado o arcediago arcebispo de York, Teobaldo deu a nosso Santo o arcediagado e proveu também nele algum outro benefício. O aumento de rendas só serviu para fazê-lo mais esmoler; tanto que suas grandes esmolas lhe conseguiram muito cedo o nome de pai dos pobres. Fazendo-se cada dia mais visível o mérito do novo arcediago, o rei Henrique II quis conhecer e tratar pessoalmente um engenho tão extraordinário e de uma virtude que era o objeto dos aplausos de toda a corte. Apenas falou com ele, conheceu que seu mérito era muito superior a sua fama e, sem deter-se, o fez seu chanceler.

Jamais se viu ministro de Estado nem tão zeloso dos interesses de seu Rei nem tão desejoso do bem público. Jamais se serviu do favor que logrou com o Rei senão para o alívio do povo: se o Rei o honrava com toda a sua confiança, o Chanceler fazia a seu reino feliz. O posto que tinha na corte não o fazia esquecer-se do que tinha em sua igreja; e via-se o ministro de Estado mais prudente e mais hábil que houve jamais, o eclesiástico mais exemplar e mais perfeito que jamais se viu na Inglaterra. Empregava o dia no despacho e passava a maior parte da noite em oração: tão modesto

e tão mortificado na corte como o mais fervoroso religioso no claustro; e se depois de suas longas orações o obrigavam a tomar alguns momentos de descanso, não dormia na cama que tinha de aparência, mas em terra. O mesmo Rei o surpreendeu alguma vez neste exercício de austeridade. Poucas noites se passavam sem que maltratasse seu corpo com sangrentas disciplinas. A penitência foi, por dizê-lo assim, sua paixão dominante; e a profusão e liberalidade com os pobres, a quem jamais recusou a esmola, faziam todas as suas delícias.

Advertindo o Rei os prodigiosos talentos de seu Chanceler e seu raro mérito, confiou-lhe a educação do príncipe Henrique, seu filho. Nada omitiu nosso Tomás para fazer dele um rei segundo o coração de Deus: não se viu jamais educação mais bela. Os serviços que Tomás fazia ao Estado não se estreitaram à família real; enviou-o o Rei à França em qualidade de embaixador extraordinário; acompanhou a Henrique à Guiena; e em todas as partes deu provas visíveis de prudência, de habilidade e de valor.

Enquanto o Chanceler da Inglaterra brilhava tanto na corte e era a admiração das cortes estrangeiras, o arcebispo Teobaldo deixou vaga por sua morte a sé de Cantuária; logo todos puseram os olhos no Chanceler: o mesmo Rei creu não poder encontrar sujeito mais digno; e assim, o mesmo foi vê-lo que dizer-lhe que o havia escolhido para a primeira sé da Inglaterra. Tomás assustou-se ao ouvir a proposta do Rei: representou-lhe sua insuficiência para um cargo que pedia outra virtude e outra ciência que a que podia ele ter. Estes humildes sentimentos e toda a sua respeitosa representação só serviram para confirmar sua eleição. Vendo então que era preciso obedecer, disse nosso Santo: Senhor, estou muito seguro de que, se Deus permite que eu seja arcebispo de Cantuária, perderei muito cedo a graça e o favor de Vossa Majestade, e que o grande afeto com que agora me honra se converterá num ódio implacável; porque as disposições com que vejo a Vossa Majestade me dão sobrado motivo para temer que há de querer exigir de mim muitas coisas contrárias aos direitos da Igreja e que não me permitirá conceder-vos meu ministério; o que servirá de pretexto a todos os que não me querem bem para desacreditar-me com Vossa Majestade e fazer-me perder os frutos do zelo e fidelidade com que até aqui o servi.

O Rei pareceu pasmar-se ao ouvir uma resposta tão livre; mas, contudo, perseverou em sua resolução e, como se achava na Normandia, mandou-lhe que passasse logo o mar e fosse tomar posse de seu bispado; o que se executou por mais súplicas e representações que fez Santo Tomás. Juntou-se o clero em Londres, na abadia de Westminster, e todos confirmaram a eleição do Rei, ficando Tomás eleito arcebispo de Cantuária com geral aplauso na presença do jovem príncipe Henrique, seu discípulo: logo foi conduzido a Cantuária, onde se ordenou de presbítero no sábado 2 de junho, e no dia seguinte foi consagrado bispo pelo bispo de Winchester, com assistência de outros catorze prelados mais, na presença do Príncipe e de toda a nobreza.

Jamais se viu consagração mais aplaudida nem bispo que mantivesse mais dignamente seu caráter. A alta dignidade a que nosso Santo acabava de ser exaltado não afrouxou o espírito de penitência e de humildade do novo Prelado: apenas recebeu o pálio que o papa Alexandre III lhe enviou, abraçou a disciplina monástica regular do cabido de sua catedral, levando o hábito religioso debaixo do de prelado e tendo a vida mais austera. Aplicou-se mais que nunca a mortificar sua carne e seus sentidos com contínuos jejuns, vigílias e outras mortificações corporais: vestiu assim mesmo um áspero cilício, que não tirou em toda a sua vida. Lavava os pés a treze

pobres ao amanhecer e dava de comer cada dia em seu palácio a cento e doze. Dizia missa todos os dias com uma devoção tão grande que se comunicava até aos assistentes; depois do que ia visitar os hospitais e a outros pobres enfermos. Tinha tão arrumadas em sua casa as horas do ofício divino, as conferências e outros exercícios de piedade que veio a ser o exemplo das casas mais regulares; e se se havia feito tão célebre sendo chanceler, sendo arcebispo foi o modelo dos maiores e mais santos prelados da Igreja.

A exemplar piedade e a constante regularidade do Pastor reformaram muito cedo o rebanho. Em muito pouco tempo os abusos foram abolidos, corrigidas as desordens e toda a diocese mudou de semblante. Não fazia mais que um ano que o santo Prelado ocupava a sé metropolitana quando se viu precisado a passar o mar para assistir ao concílio de Tours, em que presidia o Papa. Todos os cardeais saíram a recebê-lo, e Alexandre III o recebeu assim mesmo como a um prelado que era o ornamento da Igreja. O concílio pronunciou anátema contra todos os usurpadores dos bens da Igreja e contra os bispos e monges que não se opusessem a semelhantes usurpações.

Voltando Santo Tomás à Inglaterra, foi recebido do Rei com umas demonstrações de honra e amizade ainda maiores que as que havia experimentado até então; mas este favor não durou muito tempo. O Rei levou a mal que o Santo quisesse fazer deixação do emprego de chanceler e que tivesse executado a disposição do concílio de Tours excomungando um senhor, patrono de uma paróquia; mas o que acabou de exasperar o Rei contra o Santo foi a constância com que defendeu que os eclesiásticos não deviam ser julgados pelos juízes seculares, mas pelos bispos ou seus vigários. O Rei olhou esta pretensão como uma injúria da autoridade real e juntou uma assembleia de bispos em Westminster, na qual o santo Arcebispo defendeu com vigor os direitos da Igreja e, ainda que a indignação do Rei inclinou para si a maior parte dos prelados, Santo Tomás se manteve inflexível; mas enfim, movido das lágrimas da maior parte, que não cessavam de rogar-lhe e representar-lhe que olhasse pela quietude do Estado e pela paz da Igreja, houve de ceder e obrigar-se sob juramento a seguir o costume. Mas não esteve muito tempo sem arrepender-se: seu porta-cruz ou cruzeiro, homem piedoso e zeloso, não temeu lançar-lhe em rosto que havia vendido a Igreja e lhe havia sido traidor. A voz deste homem, diz o cardeal Barônio, foi o canto do galo que despertou a São Pedro. Nosso Prelado detestou sua covardia, chorou sua culpa e se absteve de dizer missa até que o Papa, que estava em Sens, lhe enviou a absolvição de sua culpa. Creu dever ceder à tempestade e retirar-se à França, junto ao Papa; mas os ventos contrários o obrigaram a voltar a sua igreja, onde trabalhou com mais zelo que nunca. O Rei, sempre irritado contra o santo Prelado, suplicou ao Papa que nomeasse por seu legado o arcebispo de York em lugar do de Cantuária. O Papa o recusou muito tempo; mas, temendo as consequências que poderiam resultar de não assentir às instâncias de um Rei irritado e violento, veio nisso pelo bem da paz; mas ainda que transferiu a dignidade de legado apostólico ao arcebispo de York, não lhe deu jurisdição alguma sobre o de Cantuária nem sobre algum de seus sufragâneos.

O Rei, pouco contente desta isenção, enviou de novo o breve ao Papa; e determinou fazer depor o santo Arcebispo. Fez amontoar várias acusações contra o Santo; convocou um parlamento em Northampton, no qual foi obrigado Santo Tomás a comparecer como réu e não como arcebispo; foi condenado nele pelos bispos e senhores; todos os seus bens foram confiscados e o confisco se pôs nas mãos do Rei como por graça. Em meio de uma tão violenta borrasca o Santo não perdeu sua tranquilidade e sua paz. Viu-se despojado de tudo sem queixar-se; e sabendo que havia de haver

uma junta para depô-lo, creu que este dia ia ser o último de sua vida. Disse missa de Santo Estêvão com o pálio para dispor-se a morrer; e tomando ele mesmo o Sacramento com a cruz, apresentou-se diante do Rei, o qual tomou este procedimento por um insulto. Recebeu mil ultrajes no palácio; e tendo-lhe dito que havia sido deposto, ouviu com serenidade sua deposição e apelou à Santa Sé. O santo Prelado, carregado de injúrias por seus próprios irmãos, insultado pelos barões e cortesãos e ultrajado de vários modos pelos oficiais do Rei e por seus criados, saiu do palácio muito gozoso por haver sido julgado digno de padecer pela justiça. Mas tendo-lhe dito que sua vida não estava segura, fugiu secretamente numa noite e passou à França, onde foi muito bem recebido pelo rei, o qual lhe ofereceu sua proteção. O mesmo acolhimento achou no Papa, a quem fez uma simples mas verdadeira relação de tudo o que havia passado e suplicou que, pois ele só havia sido a causa da tempestade, se dignasse admitir sua deixação; e tirando logo o anel episcopal de seu dedo, apresentou-o ao Papa e retirou-se da junta. Mas tendo-o feito chamar o soberano Pontífice, louvou seu zelo e sua piedade, pôs-lhe ele mesmo o anel no dedo e o restabeleceu em sua sé; mas para não exasperar mais a Henrique, aconselhou ao Santo que se retirasse à abadia de Pontigny, da Ordem de Cister, esperando reconciliá-lo muito cedo com o Rei.

Não se pode explicar o gozo que mostrou o Santo ao ver-se neste sagrado asilo depois de tantos trabalhos: aqui foi onde se entregou a todas as doçuras da oração e a todos os rigores da penitência. O rei da Inglaterra, irritado do favor que o Santo havia experimentado na França do Papa e do Rei, fez confiscar todos os seus bens e os de seus parentes e amigos, desterrou-os todos de seus Estados e os obrigou, sob juramento, a ir buscar o Santo em seu retiro. Santo Tomás viu muito em breve chegar a Pontigny esta tropa de gentes proscritas e desterradas por ele, as quais iam queixar-se-lhe de sua desgraça. O Santo se enterneceu ao ver este espetáculo: as lágrimas e os clamores de tantos inocentes foram para ele o mais cruel suplício; mas sua constância ficou sempre invicta. O Rei, cada dia mais furioso, fez grandes ameaças ao Papa, dizendo-lhe que levaria seu ressentimento até os últimos excessos; mas tudo foi em vão. Restabelecido Henrique de uma perigosa doença, suplicou ao Papa que enviasse à Inglaterra um legado *a latere* para terminar todas estas diferenças. Mas, temendo igualmente que o santo Prelado fulminasse contra ele desde Pontigny os anátemas da Igreja, escreveu uma carta cheia de ameaças ao capítulo geral de Cister, dizendo que, se prosseguiam em dar asilo ao santo Prelado, ia lançar da Inglaterra todos os religiosos cistercienses. Logo que nosso Santo teve notícia desta carta, saiu de Pontigny e retirou-se ao mosteiro de Santa Colomba.

Não tendo surtido efeito as proposições de paz que se fizeram a Henrique, o rei da França, compadecido da longa opressão de nosso Santo, determinou ser ele mesmo o mediador entre o Santo e seu Rei e fazer que voltasse a ocupar sua sé. Teve algumas conferências com Henrique, que se achava na Normandia, e conseguiu dele que se visse com o santo Prelado, o qual, tendo entrado na junta onde estava seu Rei, foi lançar-se a seus pés; mas este não lho permitiu, antes se abaixou para levantá-lo: implorou sua clemência e lhe disse que deixava toda a sua causa ao arbítrio do Rei, contanto que ficasse salva a honra de Deus. Esta cláusula alterou o Rei e o irritou; mas, voltado de seu rebate, serenou-se e aplacou-se; e tendo-lhe feito algumas proposições que o Santo creu não poder aceitar em consciência, esta conferência só serviu para aumentar o mérito do Prelado e dar novo lustre a sua paciência, a qual lhe foi bem necessária nas humilhações que teve que sofrer. Estando o rei da Inglaterra em Montmartre, disse ao rei da França que deixava a um lado todos os seus ressentimentos e que Tomás podia voltar a sua igreja. Um santo sacerdote,

voltando a Sens com o Santo, disse-lhe com espírito profético que se havia tratado da paz da Igreja na capela dos Mártires; mas que, segundo lhe parecia, a paz só se lograria com seu martírio; ao que o Santo lhe respondeu que nada desejava tanto como que seu sangue fosse o preço desta liberdade.

Não tendo podido o Rei conseguir a deposição do arcebispo de Cantuária, buscava todos os meios de molestá-lo e fazer-lhe perder os direitos de sua igreja. Fez coroar pelo arcebispo de York o príncipe Henrique, seu filho, resistindo-o o Papa e o Primaz; mas muito cedo se arrependeu do feito. O Papa declarou o arcebispo de York suspenso e excomungado e fulminou as mesmas censuras contra todos os bispos que haviam assistido à coroação do jovem príncipe; e fez dizer ao rei da Inglaterra que, se não voltava a paz à Igreja, ver-se-ia precisado a pôr interdito em todos os seus Estados. O Rei, que estava já arrependido de todas as suas violências, rendeu-se às paternais admoestações do Papa. Disse que queria ver-se com o arcebispo de Cantuária: teve-se a conferência numa grande pradaria que se chamava o prado dos Traidores. Concluiu-se a paz com muita sinceridade da parte do Santo e com grandes demonstrações de benevolência da parte do Rei, o qual não pôde deixar de derramar lágrimas de ternura quando viu o Santo a seus pés. Tendo-se despedido o Arcebispo do Rei e dado muitas graças a todos os que o haviam favorecido na França, foi ao porto de Wissant, na Picardia, para passar à Inglaterra. O arcebispo de York, seu inimigo pessoal, e os outros bispos de seu partido nada omitiram para fazê-lo perecer ou ao menos impedir que desembarcasse. Chegou felizmente a Sandwich, não longe de Cantuária, onde entrou no dia seguinte, 2 de dezembro, e foi recebido com aclamações e aplausos de todo o povo e de todo o clero, assim secular como regular. Sua entrada foi uma espécie de triunfo e teve, ao que parece, alguma semelhança com a de Jesus Cristo em Jerusalém, que foi seguida de sua morte poucos dias depois.

Apenas o Santo havia chegado a sua igreja quando o arcebispo de York e os bispos de Londres e Salisbury lhe enviaram a dizer da parte do Rei que absolvesse todos os bispos que estavam interditos ou excomungados. Mas como não admitiam as justas condições que o Santo lhes pedia, creu não poder passar adiante. Os três prelados, autores e cabeças da cabala, passaram à Normandia a caluniar o Santo diante do Rei, a quem tiveram a insolência de dizer que, desde que o Santo havia chegado a Cantuária, não havia feito outra coisa que obrar e falar contra a honra e o serviço de Sua Majestade e contra os costumes do reino. O Rei, crédulo e ainda ressentido contra o Santo, arrebatou-se até dizer na presença de toda a sua corte que maldizia a quantos havia honrado com sua amizade, pois não tinham valor para vingá-lo de um sacerdote que o exercitava e lhe dava mais dissabores ele só que todos os seus vassalos juntos. Quatro de seus oficiais, Reinaldo Fitz Urse, Hugo de Moreville, Guilherme de Tracy e Ricardo Brito, homens sem consciência e de uma vida dissipada, obrigaram-se ali mesmo com juramento a ir assassinar o santo Arcebispo.

O Santo, que havia tempo não falava senão de sua próxima morte, retirou-se a sua igreja para celebrar a grande festa do Natal com seu clero e seu povo; pregou pela última vez e lhes anunciou sua morte como se tivesse tido revelação dela; passou as três festividades na igreja, de dia e de noite, oferecendo-se sem cessar em sacrifício com um fervor extraordinário: no outro dia dos Inocentes, 29 de dezembro, chegaram os assassinos a Cantuária; e tendo entrado em seu quarto, fizeram-lhe umas proposições as mais escandalosas, sem ter para isso ordem alguma do Rei. O Santo lhes respondeu como correspondia a um grande prelado e a um herói cristão. Mas aqueles

ímpios lhe disseram ao retirar-se que sua constância espiritual lhe custaria a vida. Não fugirei, disse-lhes sorrindo e com sua mansidão ordinária; esperarei tranquilamente a morte e me terei por muito ditoso em morrer pelos interesses da Igreja. Tendo-se retirado à igreja depois desta mortificação a cantar o ofício divino, viu muito logo rodeada a igreja de soldados com os assassinos à frente. Os religiosos e os clérigos se surpreenderam e fizeram menção de fechá-la e defender-se, para o que se oferecia o povo a ajudá-los; mas o Santo o estorvou dizendo que o templo do Senhor não devia fortificar-se nem guardar-se como o campo de um exército. Então, tendo entrado os assassinos com espada em mão, começaram a gritar: Onde está o traidor? Onde está o Arcebispo? A estes gritos, deixando o Santo sua cadeira e pondo-se-lhes diante, disse-lhes: Eu sou o arcebispo, mas não sou traidor: estou, sim, pronto a morrer por meu Deus, pela justiça e pela liberdade da Igreja; mas com toda a autoridade que Deus me deu vos conjuro que não façais o menor mal a nenhum de meus religiosos, de meus clérigos ou de meu povo. Logo, voltando-se para o altar e juntando as mãos, exclamou: Encomendo minha alma e a causa da Igreja a Deus e à Virgem santíssima, aos Santos padroeiros deste lugar e a São Dionísio mártir. Apenas disse estas palavras quando Reinaldo, um dos assassinos, lhe descarregou o primeiro um golpe de sabre na cabeça, com o que o Santo caiu de joelhos coberto todo de sangue, e ao mesmo tempo dois dos outros assassinos lhe atravessaram suas espadas pelo peito; e ao ir expirar, o quarto destes malvados lhe rachou a cabeça e lhe fez lançar os miolos sobre o pavimento. Assim consumou seu martírio este ilustre e santo Prelado, glória de sua nação e um dos mais gloriosos ornamentos de sua igreja; morreu a 29 de dezembro do ano de 1170, aos cinquenta e três de sua idade e no nono de seu bispado.

Toda a Europa mostrou a dor que lhe causava a morte do bispo de Cantuária, e todo o mundo cristão se horrorizou ao ouvir o assassinato executado na pessoa do mais santo e mais eminente prelado de seu tempo. Seu corpo, que se achou vestido de um áspero cilício, muito mortificado com suas contínuas penitências e consumido por seus muitos trabalhos, foi enterrado na igreja sem cerimônia alguma. Os assassinos saquearam o palácio arquiepiscopal e consternaram toda a cidade. Vários santos religiosos da Inglaterra, França e Palestina tiveram revelação de sua morte ao mesmo tempo que sucedeu.

A nova desta morte consternou tanto ao rei Henrique que, arrependido de quanto havia feito, esteve muitos dias sem comer nem beber, feito um mar de lágrimas. Enviou ao instante embaixadores ao papa Alexandre III que lhe protestassem que este assassinato se havia executado sem preceder a menor ordem sua; que confessava que ele havia sido a causa e o motivo por uma palavra indiscreta que se lhe havia soltado e que se sujeitava à penitência que lhe aprouvesse impor. O Papa enviou dois legados para informar-se do acontecido, os quais, vendo que o Rei a tudo se submetia, impuseram-lhe uma penitência pública proporcionada ao delito; e tendo ido depois à porta da igreja, prostrou-se em terra e, banhado em lágrimas, recebeu a absolvição dos legados na presença do clero e do povo.

Olhou-se esta conversão do Rei como um dos primeiros milagres do Santo, ao qual se seguiram outros muitos estupendos que se operavam todos os dias em seu sepulcro; o que obrigou o papa Alexandre III a canonizá-lo solenemente três anos depois de sua morte, havendo precedido todas as formalidades ordinárias. Por sincero que fosse o arrependimento de Henrique, contudo não deixou Deus de vingar a morte do Santo de um modo muito terrível. A espada da dissensão desde

então não saiu de sua família. Os dois príncipes, seus filhos, rebelaram-se contra ele e trouxeram a seu partido o conde de Flandres e o rei da Escócia. Viu-se a pique de ser destronado e até de perder a vida. Mas, compreendendo de onde lhe vinham tantas desditas, determinou expiar seu pecado com uma penitência pública. Tendo feito juntar um grande número de bispos em Cantuária, apresentou-se diante deles com os pés descalços, com um vestido ordinário e sem séquito. Tendo chegado ao sepulcro do Santo, banhado em lágrimas e prorrompendo em grandes soluços, prostrou-se com o rosto em terra, confessou publicamente seu pecado, pediu perdão a Deus e ao Santo; logo, descobrindo as costas, quis que todos os prelados lhe dessem cinco golpes de disciplina e mais de oitenta religiosos cada um três; passando em vela, em oração e em jejum o restante do dia e da noite seguinte. Esqueceu-se para sempre das injustas pretensões que haviam sido o assunto de sua querela contra Santo Tomás e aumentou os direitos e rendas de sua igreja. Deus aceitou sua penitência. O rei da Escócia foi vencido e feito prisioneiro, e os dois Príncipes, seus filhos, vieram lançar-se a seus pés para implorar sua clemência. Os assassinos foram assaltados de um terror contínuo que lhes fez passar o resto de seus dias numa espécie de frenesi que não os deixou até a morte, e todo o mundo foi testemunha de seu terrível suplício. O rei da França, Luís, o Jovem, foi em pessoa ao sepulcro de Santo Tomás para pedir-lhe a saúde de seu filho primogênito, que foi depois Filipe Augusto. São Luís deu à abadia de Royaumont a cabeça do Santo, que obteve do rei da Inglaterra. Henrique VIII, tendo-se rebelado contra a Igreja, concebeu tanta aversão a nosso Santo que cometeu a impiedade de fazer queimar suas santas relíquias.

O Rei e Profeta Davi

Foi Davi natural de Belém, filho de Jessé, da tribo de Judá, a mais honrada entre os israelitas. O nome de Davi quer dizer *escolhido*, e assim o foi de Deus, e posto em lugar de Saul, que lhe saiu rebelde. E para isto, sendo ainda pequeno, foi por mandado de Deus o profeta Samuel à casa de seu pai em Belém, a ungi-lo por rei, onde, por ser o menor entre oito irmãos, o tinham em pouco; e pretextando o Profeta um sacrifício, convidou a Jessé e a sua família ao banquete, que de ordinário se fazia depois do sacrifício, e pediu que lhe apresentasse seus filhos. O maior deles, de idade já madura e de presença galharda, foi o primeiro que compareceu: o Profeta, ao vê-lo, creu que este era o escolhido de Deus; mas o Senhor lhe disse: «Não olhes a sua presença nem a sua grande estatura, porque eu o rejeitei.» O homem julga pelas aparências; mas o Senhor vê o profundo do coração. Chamou Jessé a seu segundo filho e em seguida aos outros cinco. Deus revelou ao Profeta que a nenhum daqueles havia escolhido, e perguntou Samuel a Jessé se lhe restava outro filho: respondeu o pai que sim, ainda que era um menino que apascentava as ovelhas. «Fazei-o vir, replicou Samuel, pois não nos sentaremos à mesa até que venha.» Jessé o mandou buscar; e compareceu um jovem de quinze anos, de cabeleira loura e de formosa presença: Davi, seu nome. Então deu o Senhor a entender ao Profeta que este era a quem destinava para rei. Pelo que o ungiu, sem mais testemunhas que seu pai e seus irmãos.[^1]

Desde aquele instante o espírito do Senhor pousou em Davi e abandonou a Saul. Ao mesmo tempo apoderou-se deste Príncipe um espírito maligno que o atormentava, permitindo-o o Senhor para que se emendasse e tivesse dor de suas desobediências e pecados. Seus cortesãos aconselharam ao malaventurado Monarca que ouvisse a suave harmonia dos instrumentos músicos para

temperar a agitação de seu espírito, acrescentando-lhe que um dos filhos de Jessé, de Belém, tocava a harpa com perfeição, que era um jovem de semblante agraciado, apto para a guerra, muito forte e de um saber superior a seus anos, e que se chamava Davi e que o Senhor estava com ele. Saul mandou dizer a Jessé que lhe enviasse seu filho: Davi apresentou-se ao Rei, que lhe tomou muito carinho e o fez seu escudeiro. E quando o espírito maligno arrebatava a Saul, tomava Davi a harpa e a tangia com sua mão, e o Monarca se sentia melhor, porque se retirava dele o espírito mau.

Por ocupar-se Saul em guerras com os filisteus, pôde Davi voltar à casa de seu pai e dela ao gado. Mas, alongando-se a guerra, à qual haviam acudido os três filhos maiores de Jessé nos arraiais de Saul, chamou Jessé a Davi do gado e o enviou com provisões a que visitasse seus irmãos. Haviam-se aproximado tanto os exércitos de uma e outra parte que só os dividia um vale, e estando Davi com seus irmãos, viu um feroz gigante filisteu chamado Golias que, armado de pés a cabeça conforme a sua estatura de seis côvados e um palmo,[^2] se apresentava em meio dos arraiais e desafiava a particular batalha ao Rei e a todos os israelitas que estavam no campo, com a condição, porém, de que o povo do vencido se sujeitasse ao povo do vencedor. Não havia quem se atrevesse a aceitar o desafio de um guerreiro cuja só vista infundia o espanto, ainda que o Rei prometeu uma filha sua por mulher, com outros vantajosos prêmios, ao que o vencesse. Deu mostra pública Davi de que ele sairia contra o gigante. Chegado o oferecimento do jovem Davi à notícia do Rei e trazido a sua presença, vendo-o disposto a executá-lo e que presumia de matar o gigante, para o que trazia em seu favor e abono haver pelejado e morto leões e ursos estando guardando os gados de seu pai, o Rei aceitou sua oferta e mandou dar-lhe suas armas, e delas foi armado; mas não podendo manejá-las, por não estar acostumado, despiu-as e as devolveu ao Rei. Tomou seu cajado, escolheu da torrente cinco seixos que meteu no surrão pastoril e com a funda na mão foi aonde estava o gigante filisteu. Sentiu-se muito este vendo um mancebo com semelhantes armas:

«Sou acaso algum cão, disse-lhe, para que venhas contra mim com um pau? Vem cá, e darei tuas carnes às aves do céu e às bestas da terra. — Venho, respondeu Davi, em nome do Senhor dos exércitos, do Deus dos esquadrões de Israel, aos quais insultaste hoje, e com seu favor te matarei e tirarei a cabeça, e de teu corpo sucederá o que do meu disseste, pois será manjar de aves e bestas.»

E como Golias viesse e se aproximasse de Davi, apressou-se Davi a tomar um dos seixos de seu surrão, que disparou com a funda e, dando-lhe volta, feriu o filisteu na fronte, na qual ficou cravado, derrubando-o em terra. Não se contentou com isto, mas correu a ele e com seu próprio alfanje lhe cortou a cabeça. Quando os filisteus viram morto e descabeçado o mais valente deles, fugiram: seguiu Saul o alcance, matou a muitos, e depois voltaram os de Israel e saquearam o campo inimigo. Davi tomou as armas do gigante para si, pôs depois o alfanje no tabernáculo, onde estava a arca do Senhor, e levou a Jerusalém a cabeça, asida pela sangrenta cabeleira.

A Glosa diz que, por haver Saul prometido dar sua filha por mulher ao que matasse o gigante, visto que Davi o havia morto, chamou-o e quis informar-se de sua linhagem, para ver se era conveniente dá-la ou negá-la. Santo Agostinho, também referido na Glosa, diz que o desconheceu por estar já mais homem que quando o teve a seu lado por músico. Deu conta Davi de si, dizendo que era filho

de Jessé e da ilustríssima linhagem de Judá. Achou-se presente Jônatas, filho de Saul, homem valoroso, de muita virtude e nobreza; o qual, vendo Davi, afeiçoou-se-lhe sobremaneira, tanto que, por vê-lo com vestidos pastoris, despojou-se da túnica que levava e a deu a Davi com outras roupas suas, até sua espada e seu arco e ainda seu talim. Saul deu o mando a Davi sobre alguma gente de guerra e em todas as expedições que lhe confiou, dando mostras de valor e de conduta irrepreensível, granjeou a afeição de todo o povo e sobretudo a dos cortesãos de Saul, cujos ciúmes naturalmente deveriam ter-se manifestado contra ele.

Voltando Saul a sua morada, depois da vitória de Davi e da total derrota dos filisteus, saíam bailando as mulheres de todos os povos e cidades de Israel por onde passavam, ao som de músicos instrumentos, cantando e dizendo: «Saul feriu mil, e Davi dez mil!»[^3] Tanto desagradou e enojou esta expressão a Saul que desde aquele momento concebeu um ódio implacável e uma raivosa inveja ao vencedor do gigante Golias. «A Davi deram dez mil, dizia, e a mim deram mil: que lhe falta senão só o reino?»[^4] Resultou daqui que no dia seguinte, atormentando o demônio a Saul, tomou Davi a harpa e a tangia em sua presença, como costumava, para tranquilizá-lo: tinha Saul uma lança na mão e, cegado da inveja, arrojou-a, crendo que poderia encravar Davi na parede; mas Davi esquivou o corpo e evitou o golpe duas vezes.[^5]

Começou, pois, Saul a temer a Davi, vendo que o Senhor estava com este e que a ele o havia deixado; pelo que o afastou de sua pessoa, dando-lhe cargo de mil soldados, fora de sua casa e corte; e neste cargo também Davi se assinalou de maneira que a todo o povo era precioso e amável. Tinha Saul duas filhas e tratava-se de que daria a maior, chamada Merob, a Davi por mulher, havendo-lha prometido publicamente; e, não obstante, não o fez assim, antes a casou com Adriel, filho de Barzilai, sem que por isso Davi formasse queixa nem se mostrasse sentido, antes se declarou servidor de Micol, filha segunda do Rei; o qual, sabendo-o, não por fazer-lhe bem, mas mal, sem que se entendesse, prometeu dá-la por mulher com a condição de que lhe trouxesse as cabeças de cem filisteus incircuncisos, para vingar-se assim de seus inimigos, parecendo a Saul que seria isto ocasião de que os filisteus o matassem. E assim dizia: não quero matá-lo eu, mas morra às mãos dos inimigos.

Tendo agradado a Davi o concerto, saiu com a gente que mandava e matou duzentos filisteus, cujas cabeças entregou ao Rei, a fim de chegar a ser genro seu. Com isto deu-lhe Saul sua filha Micol por esposa, a qual amou grandemente a Davi. Nem por isto cessava Saul de recear mais e mais de seu genro, de maneira que sua aversão para com ele se aumentava sempre. E chegou a tal ponto este aborrecimento, por motivo dos insignes triunfos que Davi alcançava na guerra contra os filisteus, o que servia para mais acreditá-lo e fazer mais célebre seu nome, que chamou a seu filho Jônatas e à gente de sua casa e lhes mandou que matassem a Davi. Jônatas, como bom amigo, avisou disso a Davi, pelo que vivia com cuidado. Entretanto falou Jônatas a Saul em favor de Davi, trazendo-lhe à memória o serviço que lhe havia prestado a ele e a todo o povo israelita com a morte de Golias e que, além disso, havia dado provas de muito servidor seu em negócios que lhe havia encomendado; e que, pois não havia causa nele que merecesse a morte, não pecasse contra Deus tão gravemente procurando a morte de um inocente. Saul aplacou-se com o que Jônatas disse e jurou que não procuraria mais a morte a Davi; e por estar certo ele disso do mesmo Jônatas, voltou à corte de Saul como antes.

Suscitando-se de novo a guerra, saiu Davi a campanha e pelejou contra os filisteus, destroçando grande número deles e afugentando os demais. Mas como o espírito mau, permitindo-o o Senhor, assaltasse outra vez a Saul enquanto Davi tangia a harpa diante dele como tinha por costume, Saul lhe atirou a lança que tinha em suas mãos para traspassá-lo e encravá-lo na parede; mas Davi declinou o golpe e escapou logo a sua casa. O Rei enviou em seguida seus guardas para que o prendessem e logo o matassem; mas por indústria de sua esposa Micol foi livre, descendo-o por uma janela e entretendo os que vinham prendê-lo com uma estátua que fez de Davi e pôs em sua cama, mostrando-a de longe e dizendo que se sentia enfermo. Voltaram, pois, a Saul com este recado; e ele, pertinaz em sua indignação e cólera, mandou que da cama lho trouxessem para matá-lo. Chegados que foram ali os enviados de Saul e visto o engano, ao tempo que Davi estava já a salvo, tornaram a Saul referindo-lhe o caso; ele se enojou com sua filha e, repreendendo-a pelo que havia feito, desculpou-se Micol dizendo que a havia ameaçado de morte e que não se atreveu a fazer outra coisa.

Posto assim a salvo, Davi foi ver-se com Samuel em Ramá e, estando com ele e outros Profetas, Saul, sabendo que estava ali, enviou soldados que o prendessem; os quais, tendo visto que os Profetas cantavam louvores a Deus, arrebatados também do espírito do Senhor, começaram a louvar a Deus como os outros. Sabido isto por Saul, enviou outros soldados, e aconteceu-lhes o mesmo. Despachou outros por terceira vez, que igualmente se puseram a cantar os louvores de Deus. Então Saul, cheio de cólera, marchou ele mesmo em pessoa a Ramá, aonde Davi e os Profetas estavam e, chegando a eles, despiu-se dos vestidos reais e pôs-se a cantar e a louvar a Deus com os demais diante de Samuel.

Entretanto fugiu Davi e, vindo ver-se com Jônatas, seu amigo, este o consolou e prometeu ser-lhe fiel amigo, como o foi toda a sua vida; e porque falou em presença de seu pai em favor de Davi, disse-lhe palavras afrontosas, até o extremo de pôr a mão numa lança para atirar-lha; mas foi-se dali e avisou de tudo a Davi.

Fugiu Davi à cidade de Nobe, onde residia o sacerdote Aquimelec, a quem pediu de comer para si e para alguns criados que o acompanhavam; e por não ter outra coisa senão pães santos, dos quais só os sacerdotes podiam comer, deu-lhe deles. Comeu Davi e comeram os que iam com ele, sem pecar nisso, como prova o cardeal Caetano, porque a necessidade suspendeu o rigor da lei. Tomou também Davi das mãos do sacerdote o alfanje do gigante Golias, que o mesmo Davi havia oferecido ao templo do Senhor, porque se achou sem armas, e fugiu à corte do rei de Gat, chamado Aquis: e porque entendeu que estava ali mal seguro, tendo dito ao Rei algum de seus servos que era aquele estrangeiro o que havia matado o gigante Golias, para livrar-se do perigo fingiu-se louco, fazendo visagens, torcendo a boca e deitando saliva dela, pelo que o Rei o julgou louco e não fez caso dele. Teve lugar Davi de ir-se daquela terra a outra na tribo de Judá, num despovoado, onde havia muitas cavernas, lugar acomodado para fugitivos, e ali se lhe uniram seus irmãos com toda a sua família, como que estavam envolvidos na mesma desgraça: uniram-se-lhe também muitas gentes injustamente oprimidas, e assim se lhe juntaram quatrocentos homens que compunham um reduzido exército, e deste se fez príncipe e capitão.

Daqui tomou ocasião o arcanjo São Gabriel de dizer à sagrada Virgem, quando lhe trouxe a embaixada de que havia de ser mãe de Deus, que o Filho que parisse teria a sede de Davi, seu pai:

isto é, que assim como Davi, quando primeiro teve sede e mandou gente, fazendo-se seu príncipe e rei, foi sobre pessoas aflitas e cheias de angústias e trabalhos, assim Cristo havia de ser Rei de aflitos e trabalhados; porque a estas pessoas dispensa sempre benefícios.

Avisado Saul de que Davi havia estado em casa de Aquimelec e de que lhe deu de cear a ele e aos que iam em sua companhia, e o alfanje de Golias, enojado mandou matar a Aquimelec e a outros oitenta e cinco sacerdotes, vestidos com as vestiduras sagradas, e destruir sua cidade de Nobe. Livrou-se, porém, Abiatar, filho de Aquimelec, e fugiu a Davi, dando-lhe conta do sucedido.

Depois de encomendar Davi ao rei de Moab a seus pais e a outros parentes seus, enquanto ele andava desterrado, soube que os filisteus haviam posto cerco a uma cidade de israelitas chamada Ceila: consultou ao Senhor e, com mandado seu, não obstante que sua gente, por ser pouca, temia, sendo muitos os inimigos, foi lá e os venceu, livrando a cidade, na qual se avizinhou. O que sendo sabido de Saul, quis ir pôr-lhe cerco; mas antes, por oráculo que teve de Deus, foi-se Davi com toda a sua gente ao deserto de Zif, aonde veio o príncipe Jônatas ver-se com ele, e os dois confirmaram sua amizade. Logo passou Davi ao deserto de Maon, no qual Saul o cercou e pôs em tanto aperto que desconfiava de poder livrar-se de suas mãos; mas permitiu o Senhor que os filisteus entrassem pelo reino de Saul e o pusessem em aperto: e com isto lhe foi necessário levantar o cerco e deixar Davi, o qual passou com sua tropa a outro deserto chamado Engadi, aonde veio Saul a cercá-lo com três mil homens. Sucedeu que, estando Davi escondido com seus soldados numa espaçosa e profunda caverna, entrou nela seu perseguidor, só e impelido por uma necessidade natural, e ao vê-lo disseram a Davi seus soldados: «Eis que o Senhor entrega em tuas mãos a nosso inimigo para que faças com ele o que te agradar. — Não queira Deus, respondeu, que eu ponha a mão no ungido do Senhor.» E levantando-se cortou, sem ser sentido, a orla do manto de Saul, ainda que logo lhe pesou havê-lo feito. Saído que foi Saul da caverna, saiu também Davi seguindo-o e, falando-lhe em voz alta, disse: «Meu rei e senhor.» Saul voltou a cabeça, e Davi se inclinou em terra, reverenciando-o, e prosseguiu: «Por que dás ouvidos aos que dizem de mim que procuro teu dano? Agora podes ver se é assim, pois Deus permitiu hoje que viesses a minhas mãos e te pudera matar, e não o fiz, porque não permita o Senhor que eu levante minha espada contra ti, que és meu rei e o ungido do Senhor. Repara em tua roupa: quem lhe cortou este pedaço te poderia cortar a cabeça. Seja Deus juiz entre os dois, e ele me faça justiça. Olha, ó rei de Israel, a quem persegues, que não sou para contigo senão como um cão morto.» Acabando Davi suas razões, disse-lhe Saul: «Não é esta a tua voz, filho meu Davi?» E ao mesmo tempo, lançando um grito, pôs-se a chorar e continuou dizendo: «Mais justo és tu do que eu, porque tu não me fizeste senão bens, e eu te paguei com males: tu mostraste hoje o bem que me fizeste, pois que o Senhor me entregou em tuas mãos e não me tiraste a vida. Porque quem é o que, achando seu inimigo desprevenido, o deixa ir sem fazer-lhe dano? O Senhor te dê a recompensa pelo que hoje fizeste comigo. E agora, sabendo de certo, como sei, que tu hás de reinar e possuir o reino de Israel, jura-me pelo Senhor que não extinguirás minha descendência depois de minha morte nem apagarás meu nome da casa de meu pai.» Jurou-lho Davi, com o que se retirou Saul a sua casa; mas Davi e os seus se puseram em lugares mais seguros.

Estando no deserto de Farã e em grande necessidade de mantimento, soube Davi que um homem rico chamado Nabal se achava perto dali, no Carmelo, em festa e comida solene, por ser tempo de tosquiar as ovelhas; enviou, pois, a rogar-lhe que, atendida sua necessidade e a de sua gente, lhes

enviasse alguma coisa que comessem e participassem todos de sua comida e festa. Nabal, que era homem duro, ao ouvir a embaixada de Davi respondeu desabridamente, menosprezando a Davi, chamando a seus soldados fugitivos e escravos, sem dar-lhes coisa alguma. Tinha Nabal por mulher a Abigail, a qual era prudentíssima e formosa e, sendo avisada da resposta que deu seu marido aos mensageiros de Davi, fez carregar bestas com pão e vinho, carne e fruta e foi com isso a Davi; o qual, enojado da descortesia de Nabal, ia com seus soldados a destruí-lo. Como Abigail o viu vir, derrubou-se a seus pés e tais razões lhe soube dizer, oferecendo-lhe o presente que levava, que Davi se aplacou e depôs seu enojo.

Colige-se daqui que, por ser louvado este feito de Abigail pelos doutores sagrados, pode licitamente a mulher tomar da fazenda do marido alguma parte para dar esmola, de maneira que resulte em bem de sua alma ou corpo.

No outro dia deu conta a Nabal, seu marido, do que havia feito e de como Davi vinha com sua gente determinado a matá-lo; e foi tanto o sentimento que teve que ficou como pedra e ao décimo dia morreu. Soube-o Davi e enviou mensageiros a Abigail para saber se queria ser sua mulher: ela o aceitou e celebrou-se o casamento e, juntamente com ela, teve outra mulher a este tempo, chamada Aquinoam. Não pecou nisso Davi, porque por particular dispensação de Deus lhe foi lícito, assim a ele como a outros Padres antigos da lei natural e escrita, ter muitas mulheres, concorrendo justas razões e causas cuja explicação não é deste lugar. Mas já antes Saul havia dado sua filha Micol, mulher de Davi, a outro homem principal dos hebreus.

Avisaram a Saul que estava Davi no deserto de Zif, no outeiro de Haquilá. Foi lá com três mil homens a prendê-lo, tornando de novo a sua dureza e desagradecimento contra Davi; o qual desceu de noite ao acampamento de Saul e entrou na tenda deste com Abisai, seu parente, irmão de Joab, estando o Rei dormindo profundamente e quantos o rodeavam. Disse, pois, Abisai: «Senhor, Deus pôs hoje em tuas mãos teu inimigo; agora vou cravar-lhe uma lançada, e não será necessário repetir o golpe. — De nenhum modo o mates, respondeu Davi; quem pode alçar a mão contra o ungido do Senhor sem cometer pecado?» Assim o magnânimo Davi contentou-se com levar-se a taça e a lança de Saul. Quando se viu a alguma distância do acampamento, começou a gritar, repreendendo a Abner, capitão de Saul, de quão mal guardado estava o Rei. Conheceu Saul a voz de Davi e persuadiu-se de que, podendo, não havia querido tirar-lhe a vida; e com as lágrimas nos olhos confessou sua maldade e lhe disse: «Pequei: volta, filho meu, que de hoje em diante me guardarei de fazer-te mal algum, pois me olhaste com olhos de compaixão.» Davi respondeu: «Venha cá quem leve tua lança, e o Senhor dará a cada um o prêmio segundo sua justiça e obras.» Replicou Saul: «Bendito sejas, filho meu Davi; tu viverás e serás poderoso.» E com isto cada um se recolheu e partiu com sua gente por sua parte.

Foi Davi com os seiscentos homens de guerra que o acompanhavam a Aquis, rei de Gat, levando consigo suas duas mulheres, Abigail e Aquinoam: e deu-lhe o Rei a cidade de Siceleg, onde esteve quatro meses, e dali entrava em terra de filisteus, sujeita a outros reis daquela nação, e fazia-lhes grandes danos. Este rei Aquis, diz a Glosa interlinear, foi filho do outro, em cuja presença Davi se fingiu louco para livrar-se de suas mãos; o qual amava a Davi por sua virtude e boa fama; e porque estava certo de que Saul tinha a Davi por inimigo e o perseguia, pensava que trazia despojos da terra e gente de Israel, sendo assim que eram dos mesmos filisteus que viviam na terra de

promissão, tendo-a ocupada aos israelitas, por cujo motivo licitamente lhes fazia a guerra; e a fim de que Aquis não o descobrisse, assolava Davi o país sem deixar homem nem mulher com vida: «Não seja caso, dizia, que falem contra nós.»

Aconteceu entretanto que os filisteus reuniram um numeroso exército contra Saul e, sendo chamado também Aquis a esta expedição, levou consigo a Davi, supondo que, pelo dano que pensava que havia feito a Saul e aos israelitas, lhe serviria fielmente na jornada. É de crer que ia Davi de má vontade e que rogava a Deus que lhe acontecesse coisa por onde ele não tivesse que levantar espada contra Saul e sua gente, e assim lho concedeu, porque, visto dos sátrapas e gente principal dos filisteus, ainda que respondia dele Aquis, mandaram-no voltar a sua cidade de Siceleg. Tudo foi ordenado de Deus, porque, chegando a Siceleg, achou que os amalecitas haviam entrado na cidade por força e a haviam posto a saque, levando cativos a todos os que acharam nela, por ser gente desarmada, estando com Davi os que a poderiam defender. Não mataram pessoa alguma, mas levaram os cativos e roubaram-lhes suas fazendas, pondo fogo às casas. A Davi levaram suas duas mulheres cativas, Abigail e Aquinoam, com sua fazenda; e não lhe bastando a pena que por isto sentiu, seus soldados e os vizinhos da cidade que andavam com ele, vista sua perda, com raiva e ânsia mortal quiseram apedrejá-lo, parecendo-lhes que tinha culpa naquele dano por haver deixado o lugar sem presídio e guarda. Davi os aplacou do melhor modo que pôde: e tendo consultado ao Senhor, com sua licença e seus seiscentos soldados foi em seguimento do inimigo. Chegou à torrente de Besor, onde se ficaram cansados duzentos deles, aos quais mandou Davi deixar em guarda de toda a bagagem, e muito à ligeira passou adiante com quatrocentos homens. Acharam um moço egípcio, criado dos amalecitas, que se havia ficado no caminho desmaiado; deram-lhe de comer e beber e, tornando em si, guiou-os por conhecer bem a terra, e acharam os amalecitas descuidados e muito contentes, comendo e bebendo, parecendo-lhes que já tinham a presa a salvo. Deu Davi de improviso sobre eles e, antes que pudessem lembrar-se de juntar-se e defender-se, foram desbaratados e postos em fuga. Seguiu-os Davi um dia natural e voltou logo com grande vitória e despojos, ficando livres todos os que em Siceleg haviam sido cativos e as duas mulheres de Davi, o qual mandou dar igual parte do ganhado dos inimigos aos duzentos homens que haviam ficado em guarda da bagagem, ainda que com título de cansados, como aos quatrocentos que haviam pelejado, ficando assim por lei em Israel.

Entretanto travou-se a batalha entre os filisteus e israelitas: Israel foi derrotado e se cobriram de cadáveres os montes de Gelboé; três filhos de Saul, a saber, o príncipe Jônatas, com Aminadab e Melquisua, ficaram no campo, e o mesmo Saul foi ferido de gravidade; o qual, vendo-se a ponto de cair em mãos de seus contrários, chamou seu escudeiro para que lhe desse a morte. Não lhe obedeceu o escudeiro, e Saul lançou-se sobre sua espada e se suicidou. Um homem que presenciou aquela cena apanhou a coroa e o bracelete do Rei; e abatido seu semblante, rasgados seus vestidos e coberta de pó sua cabeça, foi correndo aonde estava Davi e prostrou-se diante do novo Monarca no momento em que pôde divisá-lo. «De onde vens?, perguntou-lhe Davi. — Do campo dos israelitas, respondeu o jovem: deu-se a batalha; Israel fugiu, e entre o crescido número de mortos acham-se Saul e seus filhos. — Por onde o sabes? — Achava-me na montanha de Gelboé e vi lançar-se Saul sobre a ponta de sua lança para dar-se a morte, e me chamou estando já para cair em mãos dos filisteus: aproxima-te, disse-me, e acaba de matar-me antes que chegue o inimigo. Cumpri suas ordens, persuadido de que já não lhe era possível sair de sua agonia.» Figurava-se este homem que o novo Rei lhe havia de agradecer a morte dada a seu inimigo; e

assim acrescentou: «Arrebatei-lhe a diadema da fronte e o bracelete da mão para vir apresentar-tos. — Que fizeste, desgraçado!, exclamou Davi; como te atreveste a pôr tua mão no ungido do Senhor? Tu mesmo te condenaste dizendo: matei o que Deus havia ungido para reinar sobre seu povo.» Mandou logo que lhe dessem a morte, o que se executou sem dilação alguma. Chorou Davi a desgraça de Saul e manifestou que sua dor era profunda e cordial no cântico lúgubre que compôs e fez cantar em todo o Israel.

Depois de haver honrado a memória de Saul, consultou Davi ao Senhor o que havia de fazer; e em virtude da resposta divina dirigiu-se com sua gente à cidade de Hebron, terra de Judá, onde foram render-lhe homenagem os anciãos desta tribo e o ungiram e reconheceram publicamente por seu rei, porque antes havia sido ungido em segredo por Samuel; enquanto as outras onze tribos davam a coroa a Isboset, filho de Saul, pela indústria e poderoso influxo de Abner, que foi capitão de Saul; mas este Príncipe carecia de fortaleza de ânimo e não era capaz de governar por si mesmo. Empreendeu contra Davi uma guerra que durou cinco anos, na qual se viu desairado pela fortuna. Abner o abandonou e abraçou o partido de seu competidor, que o acolheu com benignidade. Desde aquele momento empregou todos os seus esforços em apartar as onze tribos da obediência de Isboset e em persuadi-las de que reconhecessem a Davi, a quem Deus mesmo havia eleito por soberano de Israel. Seguiram elas este conselho e enviaram a Davi a seguinte mensagem:

«O sangue que corre por nossas veias é todo de uma mesma origem. Ainda reinando Saul, tu eras o que capitaneava a Israel; e a ti disse o Senhor: tu apascentarás a meu povo de Israel e tu serás meu caudilho.» Antes de receber esta mensagem havia mandado matar os traidores Recab e Baana, os quais mataram, estando dormindo, a Isboset e, cortando-lhe a cabeça, a levaram a Davi, esperando dele mercês, porque lhe ficava o reino sem contrário; e isto ajudou indubitavelmente a que se lhe juntassem em Hebron todas as tribos de Israel.

De trinta anos era Davi quando começou a reinar e reinou quarenta anos, sete e meio em Hebron e os demais em Jerusalém. A qual cidade ganhou aos jebuseus, que eram da linhagem de Canaã e de cujo ponto ainda não haviam podido apoderar-se os israelitas desde que chegaram à Palestina. Mandou edificar nela o alcácer de Sião e a ampliou, assinalando-a para capital do reino e corte dos reis, e pouco depois o trono da Religião, quando a arca da aliança entrou em seus muros. Alcançou logo Davi duas insignes vitórias contra os filisteus. Em suas bandeiras trazia pintado um leão, pelo que matou sendo pastor, segundo diz Genebrardo, e por sua ocasião lhe trouxeram os demais reis de Judá. Logo que teve paz em seu reino, estando já em pacífica posse dele e seus inimigos, por temor que lhe tinham, não ousando enojá-lo, procurou que a arca do Senhor estivesse em lugar decente, aonde o povo fosse orar.

A arca da aliança havia sido depositada em casa de Abinadab desde que os filisteus a restituíram. Saul, durante seu reinado, não pensou em levá-la a um sítio mais decoroso. À piedade de Davi estava reservada a honra de transportá-la a Jerusalém e a de ser aplaudido com estrepitosas e repetidas vozes quando manifestou ao povo de Israel seu religioso desígnio. Fez desdobrar em seu palácio um pavilhão magnífico para recebê-la; mandou a todos os sacerdotes e levitas virem de todas as partes a dar com sua presença maior solenidade a tão augusta cerimônia, cuja pompa foi digna do precioso monumento que se olhava como trono da Majestade divina. Pôs-se a arca santa sobre um carro novo de bois que se construiu com este fim, segundo o parecer do mesmo

Abinadab, faltando nesta parte ao mandado por Deus no livro dos Números, que fosse em ombros de levitas: um imenso gentio ia em seu derredor entoando os cânticos sagrados compostos pelo mesmo Rei para realçar a glória daquele dia; o ar retumbava ao som de mil instrumentos músicos; tudo era regozijo, tudo era triunfo e glória; mas um incidente desgraçado derramou uma gota de fel na taça de tão plausível alegria. Inclinou-se a um lado a arca, e foi de maneira que ia cair; um levita chamado Oza levantou a mão para sustê-la e morreu no ato em castigo de sua temeridade,[^6] porque quebrantou a lei que proibia aos levitas tocar a arca com pena de morte. A vista deste castigo atemorizou a Davi, e não ousou levar a arca a sua casa, mas quis que estivesse depositada em casa de um varão virtuoso chamado Obed-Edom, na qual esteve três meses, derramando nela o Senhor copiosas bênçãos e todo gênero de prosperidades.

Note-se que nisto mostrou Davi sua humildade, tendo-se por indigno de hospedar a arca em seu alcácer de Sião, e que, por recebê-la Obed-Edom com humildade, fez-lhe Deus bem a ele e a toda a sua casa. Espere, pois, receber o mesmo do Senhor o que dignamente recebe o santíssimo Sacramento figurado na arca.

Tranquilizado Davi e vendo que a arca era um manancial de felicidade, voltou ao pensamento de trasladá-la a seu palácio e tomou quantas precauções requeria a santidade do depósito. Foi à casa de Obed-Edom com os anciãos de Israel e os oficiais de seu exército. Sobre seus ombros levavam os sacerdotes a arca, e a cada seis passos imolavam as vítimas do sacrifício. Seguia-a um coro de levitas tocando instrumentos harmoniosos e fazendo retumbar os céus com cânticos que todo o povo repetia, animado em sua fervorosa devoção, com as melodiosas e sublimes vibrações da harpa de Davi. Ia o inspirado Rei despido das vestiduras reais e vestido de finíssimo linho branco diante dela e, no transporte de sua alegria, com humildade grande, tangia a harpa e dançava a um tempo mesmo; e assim, feitos muitos sacrifícios e posta a arca em seu lugar, dando a todos os que se acharam presentes uma esplêndida comida, os despediu.

Havia-lhe sido restituída a Davi sua mulher Micol, logo que Abner deixou de seguir a Isboset, tirando-a o mesmo Isboset de Falti, do qual diz São Jerônimo que não a conhecia carnalmente, por não ir contra o que a lei mandava e também por temor a Davi, de quem se dizia que havia de ser rei. Tendo, pois, visto Micol o que Davi fez diante da arca, desgostaram-lhe tão vivas mostras de fervorosa devoção; e assim, quando saiu a recebê-lo, disse-lhe com ironia: «Muito se honrou hoje o rei de Israel, descobrindo-se diante das criadas de seus servos e desnudando-se como se se desnudasse um bufão.» Respondeu-lhe Davi: «Diante do Senhor, que me escolheu mais bem que a teu pai e a toda a sua casa e me mandou que fosse eu caudilho sobre o povo do Senhor em Israel, dançarei e me farei mais vil do que me tenho feito: e entende que, quanto mais desprezível e vil apareça a meus olhos, tanto mais glorioso e grande serei na presença do Senhor.» Micol foi estéril toda a sua vida, porque assim se havia burlado de Davi, cedendo a um sentimento de soberba.

Vendo Davi cimentado seu trono e sem temor de inimigos, propôs-se edificar um templo ao Senhor; mas antes de começar a obra pareceu-lhe conveniente consultar o profeta Natã e lhe disse: «Vês que eu habito numa casa de cedro, e a arca de Deus está colocada debaixo de um pavilhão de peles.» Entendeu o Profeta ao Rei e o confirmou em sua ideia; mas na noite seguinte Deus falou ao profeta Natã e lhe mandou que dissesse de sua parte a Davi que não era sua vontade que lhe edificasse o templo, porque havia derramado muito sangue, mas que o deixasse

para um filho seu, cujo reinado seria mais pacífico e sem quem lhe fizesse guerra; agradecendo-lhe, porém, seu bom desejo.

Colige-se daqui que nem sempre o espírito divino iluminava o espírito do Profeta, mas quando era sua vontade; e por isso mesmo se segue que podiam eles falar coisas como homens particulares e não acertar nelas; ainda que tudo o que deles se acha escrito e nos propõe a Igreja por coisa sua, porque foi dito enquanto profetas, é verdade infalível. O mesmo sucede nos sumos Pontífices, dos quais qualquer que define e determina como de fé alguma coisa, enquanto sumo pontífice e cabeça da Igreja, guardadas as devidas circunstâncias, sua determinação é de fé; e com isto pode, enquanto homem particular, seguir alguma opinião não de todo certa.

Sabida de Davi a vontade de Deus, de que não ele, mas seu filho lhe edificasse templo, pela razão significada, deu-lhe graças por isso, mostrando-se muito obediente. E entendendo que a ele lhe dava encargo de fazer guerra aos idólatras, tomou-o tão deveras que aos filisteus e aos moabitas, depois de os haver vencido, fez que lhe pagassem tributo. Ao rei de Soba, chamado Hadadezer, que veio favorecido de gente da Síria a sujeitar os que viviam junto ao rio Eufrates, também o venceu Davi, matando-lhe muita gente; e deixando os da Síria sujeitos, voltou a Jerusalém com grandes riquezas de ouro e de outros metais, que depois serviram a Salomão na fábrica do templo.

Estando Davi em grande prosperidade, lembrou-se de Jônatas, seu amigo, e sabendo que ficava um filho seu chamado Mifiboset, aleijado dos dois pés, mandou a um criado seu, que o havia sido de Saul, chamado Siba, que de todas as terras e patrimônio que foram de Saul tomasse posse em nome de Mifiboset e que lhe desse os produtos, e quis, além disso, que residisse em sua corte.

Soube Davi que havia morrido o rei dos amonitas, com quem teve particular amizade: enviou embaixadores a Hanon, filho seu, criado novo rei, para consolá-lo da morte de seu pai e dar-lhe os parabéns de seu novo reinado. Não faltaram entre seus cortesãos quem lhe dissesse que Davi enviava aquela gente para espiar a terra; creu-o o Rei e mandou prender os embaixadores e, para castigá-los e afrontar a Davi, mandou raspar-lhes a metade da barba e cortar os vestidos por lugar vergonhoso, e desta sorte os despediu. Avisado Davi do sucesso, mandou deter os embaixadores em Jericó, até que lhes crescessem as barbas, e enviou Joab contra os amonitas: venceu-os uma vez no campo; mas refizeram-se e juntaram grandes forças de vizinhos dos da Síria; os quais, por livrar-se do tributo que pagavam a Davi, trataram de favorecê-los. Saiu Davi em pessoa contra eles, venceu-os e matou a muitos. Os que ficaram com vida dos amonitas fizeram-se fortes na cidade de Rabá; os da Síria tornaram à obediência de Davi, o qual voltou a Jerusalém e enviou seus exércitos com Joab a cercar a cidade de Rabá. Tomou-se depois de longo cerco; e foi tirado o reino dos amonitas a Hanon e dado a um irmão seu; e assim vingou Davi a afronta feita a seus embaixadores e ficou firme a amizade que teve com o rei dos amonitas, pai destes dois irmãos; o qual, como se disse, no tempo em que Davi andou desterrado teve consigo a seus pais e parentes e lhes fez muito bem.

Em meio da glória que este sábio e piedoso Príncipe havia alcançado com suas virtudes e façanhas, extraviou-se por um momento e com seu exemplo mostrou quanto deve temer o homem sua própria fraqueza e precaver-se dos perigos a que está exposta. Davi, o homem formado segundo o coração de Deus, grande rei e grande profeta, cometeu dois crimes enormes, adultério

e homicídio. Durante o cerco de Rabá, e estando Davi em Jerusalém, passeando-se certo dia pelo terraço de seu palácio, viu banhar-se uma mulher muito formosa chamada Betsabé, esposa de Urias, um dos principais oficiais de seu exército e que o havia acompanhado enquanto andou desterrado de Israel. Mandou-a vir ao palácio e cometeu adultério com ela. Para ocultar este delito, Davi enviou logo a chamar seu marido Urias, para que, tratando com sua mulher, o adultério se encobrisse. Mas, vindo, ainda que o Rei o detinha consigo e procurava que comesse e bebesse com excesso, não pôde acabar dele que fosse a sua casa nem que visse a sua mulher; alegando que não parecia bem que estivesse seu general no campo com seu exército e ele regalando-se e dando-se a deleites; pelo que Davi tomou outro acordo, e foi que lhe deu uma carta em que mandava a Joab que expusesse a Urias no mais travado do combate e o abandonasse à morte: tudo o que cumpriu Joab, e Urias pereceu desamparado por seu chefe, e Davi se desposou com Betsabé.

Deste feito se adverte, primeiro, que é mau pôr-se em ocasião de pecar. Mal fez Betsabé em banhar-se em lugar descoberto, e mal fez Davi em olhá-la atentamente, sendo formosa. Segundo, adverte-se que um pecado traz outro pecado, e por isso deve procurar sair logo dele quem o cometer, para evitar este dano. Terceiro, que pensou Davi encobrir seu adultério com a morte de Urias, e foi isto causa de que se publicasse, pois não há sucesso naquele tempo de que tanto se fale. E quarto, que ninguém confie muito de si, vendo a Davi em tão grande altura, tão privado de Deus, cair em tanta baixeza e miséria.

Morto Urias, enviou Deus o profeta Natã a Davi para fazer-lhe ver a enormidade de seu delito e anunciar-lhe seu justo castigo. Foi o Profeta ao palácio de Davi e lhe perguntou que pena merecia o que, tendo muitas ovelhas, havia tomado a um pobre uma só que possuía. Davi, irritado em extremo, respondeu que aquele homem merecia a morte. Replicou o Profeta: «Esse homem és tu: tinhas muitas mulheres, Urias uma só, e a tiraste, e além disso lhe deste a morte com a espada dos amonitas. Em castigo deste delito dentro de tua casa haverá cutelo que fira e mate por longo tempo: e porque lhe desonraste a mulher, ainda que foi em segredo, não faltará quem em público, e à vista deste sol, desonre as tuas.» Penetrado Davi das reconvenções do Profeta, reconheceu sua culpa e exclamou com profunda dor: «Pequei contra o Senhor.» Deus aceitou o sacrifício de sua humilhação e penitência e, inspirando a Natã, disse este: «O Senhor, que vê tua dor, te perdoou tua culpa; não morrerás; mas porque foste causa de que os inimigos do Senhor blasfemassem contra ele, morrerá o filho que te nasceu do adultério.» Dito isto, Natã retirou-se e, com efeito, o Senhor feriu o menino, o qual caiu enfermo logo que nasceu: recolheu-se Davi em seu aposento, jejuou e rogou a Deus pela saúde do menino; juntaram-se os principais de sua casa para consolá-lo, e nem os ouviu nem quis comer. Morreu o menino ao sétimo dia de seu nascimento e não havia quem se atrevesse a dizê-lo ao Rei: pensavam que quem tanto sentimento fez pela enfermidade mais se desconsolaria quando soubesse sua morte. Entendeu-o o Rei e, certo já da morte do infante, vestiu-se, lavou seu rosto, entrou na casa do Senhor e o adorou. Voltou depois a seu palácio, pediu que lhe pusessem a mesa e comeu. Disseram-lhe seus domésticos: «Quando o menino ainda vivia, choravas e jejuavas, e agora que morreu te levantaste e comeste. — Jejuei, respondeu Davi, e chorei pelo menino, porque suplicava a Deus que o sanasse; mas agora que é morto, por quem hei de jejuar? Porventura poderei restituir-lhe a vida? Antes bem irei eu a ele; mas ele não voltará a mim.»

Teve Davi outro filho de Betsabé, que foi Salomão, e a quem amou o Senhor, o qual deu palavra a Davi de que seria rei depois de seus dias, e assim se cumpriu. Contudo, ainda não estava suficientemente expiada a culpa de Davi. Absalão, outro de seus filhos, primeiro fez matar por seus criados num convite a seu irmão Amnon, que era o primogênito, para vingar a afronta que este fez a Tamar, sua irmã por parte de mãe, desonrando-a com violência. Logo, depois de haver voltado à graça de seu pai, rebelou-se contra ele, formando um partido numeroso para destroná-lo. Davi, que então tinha mais de sessenta anos, viu-se na precisão de fugir, saindo de Jerusalém por não expor sua capital às calamidades de um sítio: passou a torrente do Cedron e subiu à colina das Oliveiras, caminhando descalço, coberta a cabeça e os olhos arrasados em lágrimas. Nesta situação chegaram os sumos sacerdotes Sadoc e Abiatar, acompanhados dos levitas que traziam a arca da aliança, mas Davi lhes disse: «Voltai a arca à cidade, que, se eu achar graça nos olhos do Senhor, me fará voltar lá e me deixará ver outra vez sua arca e seu tabernáculo. E se me disser: não és aceito a meus olhos, à sua disposição estou, faça de mim o que for de seu maior agrado.»

Absalão entrou como em triunfo em Jerusalém e, usando da maior maldade e baixeza que se possa imaginar, mandou armar uma tenda de campo num lugar público e pôr dentro uma cama e ali, à vista de todo o Israel, conheceu carnalmente as dez mulheres concubinas de seu pai, que haviam ficado em Jerusalém para guardar o alcácer; cumprindo-se assim o que o profeta Natã havia dito: que, se Davi desonrou em segredo a mulher alheia, outro desonraria as suas em público.

Ia Davi aflitíssimo em seu caminho, descoberta a cabeça e os pés descalços, derramando lágrimas em abundância e, ao subir pelo monte das Oliveiras, apresentou-se-lhe Siba, mordomo de Mifiboset, com um regalo de pão e vinho e outras coisas em dois jumentos; perguntou-lhe Davi por seu senhor, e respondeu que ficava em Jerusalém, acrescentando com mentira e falsidade que havia dito que naquele dia lhe seria restituído o reino de seu pai. Ouvido isto de Davi, sem outra informação, fez mercê a Siba de toda a fazenda de Mifiboset. Quando Davi chegou a Baurim, saiu desta cidade um homem da parentela de Saul, chamado Semei, o qual, atirando pedras ao Rei e aos que o acompanhavam, dizia maldições. Pediu licença Abisai, irmão de Joab, para sair-lhe ao encontro e matá-lo; mas Davi o deteve dizendo: deixa que me maldiga e afronte, que não se atreveria a fazê-lo se o Senhor não lho mandasse; o qual pode ser que me perdoe e livre deste trabalho se eu sofrer pacientemente esta afronta, que tenho muito bem merecida. Neste feito mostrou Davi grandemente sua paciência e humildade.

A mansão de Absalão em Jerusalém deu a Davi tempo para reparar-se e engrossar suas fileiras num lugar forte e seguro à outra parte do Jordão. Empreendeu por fim o filho rebelde seu movimento e com toda a gente que o seguia passou também o Jordão e assentou seu campo em frente ao de seu pai, para dar-lhe batalha. Queria Davi mandar em pessoa; mas lhe representaram que era preciso que não expusesse sua vida; e assim se retirou, mandando antes a seus oficiais que lhe guardassem a Absalão e não o matassem.

Vieram às mãos ambos os exércitos perto de um bosque: o de Absalão foi vencido e destroçado pelo de Davi, e morreram a cutelo e despenhados nas grotas vinte mil israelitas. Absalão, vista sua perdição, fugiu cavalgando num mulo e, levando desarmada a cabeça, os cabelos, que eram muitos e muito estendidos, ao passar debaixo de uma frondosa e grande azinheira, enredaram-se-lhe nos ramos de tal maneira, por irem soltos, que, passando adiante o mulo em que ia montado,

ficou ele pendurado no ar. Foi visto por um soldado, que deu parte disso a Joab, o qual o repreendeu porque não o havia matado; mas desculpou-se o soldado dizendo que havia ouvido mandar a Davi que ninguém o matasse. Não obstante isto, foi Joab aonde estava Absalão e cravou-lhe no coração três dardos ou rojões; e como ainda palpitasse, acudiram correndo dez jovens escudeiros de Joab e acabaram de matá-lo a cutiladas: seu corpo foi lançado numa cova daquele bosque e sobre ele um elevadíssimo montão de pedras.

Mandou logo Joab tocar as trombetas e cessar a peleja, dando lugar a que os rebeldes voltassem a suas casas, não querendo que morressem mais deles. Chegou a parte da vitória ao campo de Davi, que perguntava angustiado: «Vive meu filho?» A resposta lhe deu a entender que Absalão havia morrido. E o terno pai, abismado em sua dor, encerrou-se num lugar apartado e só, onde o chorou amargamente repetindo muitas vezes esta palavra: «Filho meu Absalão! Absalão, filho meu! Quem me dera morrer em teu lugar!...»

Na amizade que teve Davi com seu filho nos dá a entender a que tem Deus com o homem. Deus é o primeiro que ama e o derradeiro que deixa de amar. Primeiro, pelo pecado, deixa de amar o homem a Deus antes que Deus deixe de amá-lo, e assim quadra a este propósito o que diz o mesmo Deus no Apocalipse: eu sou o primeiro e o derradeiro.

Turbou-se todo o exército, e a alegria da vitória converteu-se em pesar, visto o que Davi fazia. Mas, entrando Joab no aposento onde o Rei estava, disse-lhe: «Que extremos são estes, senhor, que puseste o exército em confusão e afligiste os que te deram a vitória! Amas os que te aborrecem e aborreces os que te amam. Juro-te, pois, pelo Senhor, que, se não saíres e falando não satisfizeres a teus servos, nem um só há de ficar contigo esta noite; e pior será isto para ti que todos os males que vieram sobre ti desde tua juventude até o presente.»

Com isto o Rei levantou-se, mostrou-se ao exército e lhes agradeceu o bom modo que se teve na batalha e mandou dizer aos que foram da parte de Absalão que não temessem, que a todos perdoava. Reduziu-se, pois, todo o Israel ao serviço de Davi: e Semei, o que o maldisse ao sair de Jerusalém e lhe arrojava pedras, chegou dos primeiros a beijar-lhe a mão e pedir-lhe perdão. Abisai, irmão de Joab, muito enojado de ver Semei diante do Rei, disse: «Pensa este bom homem só com palavras satisfazer, havendo maldito o ungido do Senhor?» Davi mandou calar a Abisai e deu palavra com juramento a Semei de que não morreria pelo delito cometido. Mifiboset também chegou a Davi e lhe deu queixa de que Siba o havia deixado só, sem querer obedecer-lhe, havendo-lhe mandado que aparelhasse um asno para ir em seguimento de seu rei, pois ele era impedido dos pés; e que sobre isto o havia falsamente acusado do que nunca havia imaginado. Em tudo isto disse verdade Mifiboset, mas não bastou para que Davi anulasse a disposição que contra ele, sem ouvi-lo, havia dado, fazendo senhor de sua fazenda a Siba: só mandou que a dividissem entre os dois.[^7] Voltado Davi a Jerusalém, pôs as dez concubinas que Absalão havia viciado numa casa separada, onde lhes ministrou alimentos, sem mais tratar com elas.

Passado isto, houve grande fome no reino de Israel, que durou três anos: revelou o Senhor a Davi que vinha aquele açoite por um pecado que Saul havia cometido contra os gabaonitas, tirando a vida a alguns deles. Mandou-os Davi chamar e perguntou-lhes com que se satisfariam daquele agravo. Responderam eles que não queriam prata nem ouro, mas, já que Saul havia morto a

muitos de sua nação, queriam que morressem igualmente alguns de sua linhagem. Consultando sem dúvida Davi ao Senhor e sabendo que sua vontade era que desse aos gabaonitas a satisfação que pediam, perdoou a Mifiboset, filho de Jônatas, e pôs nas mãos daqueles dois filhos de Saul, nascidos de Resfa, concubina sua, e cinco filhos que Micol havia adotado, tendo nascido de Merob, sua irmã, e de Adriel: os quais foram crucificados juntos no monte vizinho a Gabaá, como vítimas de expiação. Com este sacrifício aplacou-se o Senhor e enviou chuva sobre a terra, e cessou a fome.

Considere-se neste feito o rigor da justiça divina contra os pecadores: muitos anos haviam passado desde que Saul cometeu aquele delito de crueldade contra os gabaonitas matando alguns deles; e morto Saul e perdido o reino, Deus não se aplacou até que crucificaram seus filhos e netos. Ninguém se atreva a pecar, dizendo: Deus é misericordioso, porque, ainda que o é infinitamente, também é justo, e até hoje ninguém pecou que mais ou menos tarde não pagasse a pena de seu pecado. Considere-se, assim mesmo, que Deus muitas vezes castiga todo um reino por culpa de um.

Mandou Davi a Joab que fizesse a numeração ou recenseamento de toda a gente de Israel: acharam-se da tribo de Judá quinhentos mil homens de guerra e das outras tribos oitocentos mil, não contando as mulheres, nem os velhos, nem os meninos. Mas, advertindo Davi demasiado tarde que em fazer este censo havia obrado movido de uma oculta vaidade e soberba, remordeu-lhe a consciência e pediu perdão a Deus de seu pecado. Enviou-lhe o Senhor o profeta Gad, o qual lhe disse que por sua contrição Deus lhe perdoava a culpa; mas para castigo e pena dela lhe dava a escolher uma de três coisas: sete anos de fome, três meses de guerra ou três de peste. Considerou Davi e disse para si: Se peço fome, a mim, que pequei e por quem vem o açoite, pouco ou nada me alcançará; se peço guerra, sucederão muitas insolências, crueldades e desaforos, dos quais serei eu sempre o melhor livrado. Respondeu, pois, ao Profeta: «Assinalo a peste, porque melhor é cair em mãos de Deus, cujas misericórdias são sem número, que em mãos de homens.» Veio logo tão grande peste que desde a manhã até a tarde morreram setenta mil homens. Tão horrível estrago encheu a Davi de dor e consternação: trocou as vestiduras reais pelo austero traje de penitência, prostrou-se em terra e, levantando os olhos, viu no ar sobre a eira de Areúna, o jebuseu, um Anjo com a espada nua na mão, a qual estendia sobre Jerusalém. «Eu sou, exclamou, o que pequei, eu o que obrei iniquamente: converta-se sobre mim tua ira e tem piedade deste infeliz povo.» Movido Deus de seus rogos e lágrimas, mandou-lhe pelo profeta Gad que levantasse um altar onde havia visto o Anjo e lhe oferecesse nele sacrifício. Obedeceu Davi: foi à eira de Areúna, o qual, logo que viu o Rei e soube o objeto de sua visita, ofereceu-lhe graciosamente a eira e os bois com que arava, para que os sacrificasse, e lenha; mas Davi não quis aceitá-lo senão por seu preço e, pagando-lho, levantou altar e ofereceu o sacrifício, com o qual Deus se aplacou e cessou a peste imediatamente em Israel.

Note-se aqui, em confusão nossa, o que este santo Rei fez, que não quis oferecer a Deus em sacrifício senão o que lhe custasse dinheiro; nós oferecemos a Deus de ordinário palavras ou desejos, que tudo custa pouco, e obras e fazenda poucas vezes, porque custa muito.

Estava já Davi muito velho, e seu corpo tão gelado e frio que seus vestidos não lhe davam calor; pelo que seus cortesãos lhe buscaram uma e o casaram com uma donzela jovenzinha e muito

formosa chamada Abisague Sunamita: esta o regalava e assistia, ainda que do casamento ficou donzela como o era antes de casar-se. A Glosa diz que se figurou neste desposório o de Cristo e sua Igreja.

Salomão foi entre os filhos de Davi o que Deus escolheu por sucessor de seu pai, a quem já havia declarado sua vontade; mas ainda permanecia secreta esta eleição. Quando por sua ancianidade ia o Rei pondo o pé na borda do sepulcro, todo o Israel tinha fixos os olhos nele, ansiando ver a qual de seus filhos assinalaria por sucessor. Seu primogênito Adonias, de formosa figura e de altos pensamentos, tomou a iniciativa e disse com arrogância: «Eu reinarei.» Equipou-se de carruagens magníficas e principiou a dar-se ares de soberano, passeando pela capital rodeado de guarda de cavalaria e precedido de cinquenta homens que corriam diante dele. Favoreciam suas pretensões Joab e Abiatar, sacerdote; com cujo auxílio congregou fora da cidade, perto de uma fonte chamada Rogel, uma grande multidão, fez um grande sacrifício de carneiros e bezerros e logo um grande convite para obsequiar os confidentes de seu partido, ao qual assistiram também todos os seus irmãos, filhos do Rei, exceto Salomão.

Aconselhada Betsabé pelo profeta Natã, queixou-se a Davi do que se passava, pedindo-lhe o cumprimento da palavra que lhe havia dado de que Salomão, seu filho, seria rei depois de seus dias: Davi, no momento, mandou chamar Sadoc, sacerdote, Natã, profeta, e Banaías, capitão, e lhes mandou que, juntando suas guardas e um bom número de soldados, fizessem sem demora a coroação de seu filho Salomão; o qual, montado na mula do Rei, com aparato e majestade real foi levado para fora da cidade a um campo chamado Giom, onde recebeu a unção real das mãos do sacerdote Sadoc. Concluída a cerimônia, tocou-se a trombeta, e todo o gentio prorrompeu em gritos de viva o rei Salomão. Em seguida voltou o Príncipe a Jerusalém ao som das trombetas e entre as reiteradas aclamações do imenso povo que o seguia. Ouvido o alvoroço pelos que estavam por Adonias e sabido o caso, cada um se foi por sua parte, e Adonias ao tabernáculo, não tendo por segura sua vida. Salomão o assegurou, advertindo-lhe que, se vivia quieto, nenhum dano lhe sobreviria por ele.

Depois de haver assegurado a coroa nas têmporas de Salomão e entendendo que lhe chegava a morte, chamou Salomão e lhe disse: «Eu vou ao lugar aonde vão parar todos os mortais: mostra-te tu superior a tua idade, dando provas de valor, de sabedoria e de inteligência no manejo dos negócios. Observa os mandamentos do Senhor, e teu reino irá sempre em prosperidade. Já sabes o agravo que Joab me fez e como matou à traição a dois capitães de Israel, Abner e Amasa; com prudência procurarás que pague com a vida semelhantes delitos. Aos filhos de Barzilai, galaadita, farás muito bem e os farás comer à tua mesa, pois saíram a receber-me e socorrer-me quando eu ia fugindo de Absalão, teu irmão. Aí te fica também Semei, aquele que se desvergonhou contra mim e me maldisse: eu lhe jurei, quando saiu a receber-me à volta daquela jornada, que não o mataria; mas tu não permitas que fique impune seu delito.» Quarenta anos havia que reinava Davi e tinha setenta de idade quando morreu, cheio de felicidades e merecimentos e no ósculo de Deus, que lhe havia perdoado suas ofensas, no dia 29 de dezembro, segundo o Martirológio Romano, do ano da criação 2989, ou seja, o 1011 antes da vinda do Messias. Sepultaram-no na cidade de Jerusalém, dentro do alcácer de Sião.

Na vida foi Davi muito prudente, humilde, amigo da justiça, dado à oração e grande penitente; e o mesmo mostrou na morte: foi além disso grande profeta e excedeu a muitos outros na multidão de mistérios revelados. Compôs cento e cinquenta salmos, como afirma Santo Agostinho (*De Civit. Dei,* l. 7, c. 14): os quais reuniu Esdras num volume e livro depois do cativeiro de Babilônia, como sente Santo Hilário (*in Prol. Psalm.*), e neles resumiu tudo o que no Antigo Testamento está escrito e tratou também neles da Encarnação e de outros mistérios da Redenção humana. O que escreve é mais como evangelista que como profeta, e assim o Saltério de Davi deveria andar nas mãos de todos os Cristãos, como breviário de toda a divina lei e como devocionário onde estão recolhidas todas as petições que o servo de Deus deve fazer.

Muitos são os lugares em que se nomeia Davi na divina Escritura; como no livro segundo dos Reis e primeiro dos Paralipômenos, que contém muito pormenorizadamente os heroicos feitos de Davi. Num salmo diz de si que com juramento lhe prometeu Deus que havia de descender dele seu Filho, segundo a carne, fazendo-se homem em donzela de sua linhagem: e assim o declarou o apóstolo São Pedro, como escreve o bem-aventurado São Lucas no livro dos Atos dos Apóstolos, onde, nomeando a Davi diante dos israelitas, diz que seu sepulcro estava entre eles; não disse seu corpo, onde parece que se pode colegir que foi Davi um dos que ressuscitaram com Jesus Cristo, e Santo Agostinho diz que é coisa dura não crê-lo assim (D. Aug. epist. 99 ad Erodium, t. 2), e sendo certa a opinião dos que dizem que, sem tornar a morrer, subiram ao céu em corpo e alma, pode-se ter que foi Davi um deles. E é grande louvor e autoridade sua. Os Profetas também fazem honorífica menção de Davi. São Mateus, o primeiro que nomeou escrevendo a linhagem de Jesus Cristo, segundo a carne, foi Davi, chamando-o filho seu; e ao mesmo Jesus Cristo as pessoas aflitas, para movê-lo à misericórdia, chamavam-no filho de Davi, como a Cananeia e o cego que pedia esmola perto do caminho. São Paulo o nomeia em suas epístolas e São João em seu Apocalipse.

A Igreja católica usa da história de Davi como está no primeiro e segundo livros dos Reis, nas lições das matinas da quarta dominga depois de Pentecostes e seguintes. (Villegas, *Sant.;* ant. Scio, nota, etc.)

Missa (oração)

A missa é em honra de Santo Tomás, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, pro cujus Ecclesia gloriosus pontifex Thomas gladiis impiorum occubuit: præsta, quæsumus, ut omnes qui ejus implorant auxilium, petitionis suæ salutaris consequantur effectum. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, em cuja defesa o glorioso pontífice Tomás morreu pela Igreja às mãos dos ímpios, concedei que todos os que imploram sua ajuda recebam o efeito salutar de sua petição. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do apóstolo São Paulo aos Hebreus, capítulo 5 (a mesma do dia 1).

Hebreus 5,1-6

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron. [5] Sic et Christus non semetipsum clarificavit ut pontifex fieret : sed qui locutus est ad eum : Filius meus es tu, ego hodie genui te. [6] Quemadmodum et in alio loco dicit : Tu es sacerdos in æternum, secundum ordinem Melchisedech.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão. [5] Assim tambem Christo não se glorificou a si mesmo, para se fazer Pontífice: mas aquelle que lhe disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei. [6] Como tambem diz noutro lugar: Tu és Sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedech.

Reflexões

Para que ofereça dons e sacrifícios pelos pecados. Ainda que não tivéssemos na lei nova senão aqueles sacrifícios imperfeitos estabelecidos pelo mesmo Deus por meio de Moisés, deveríamos, dizia um sábio, assistir a eles com reverência, respeitar aquelas carnes mortas e olhar com um santo horror aqueles touros degolados e sacrificados a um Deus vivo; deveríamos prostrar-nos diante daqueles altares carregados de oblações e de anátemas. Que lições e que preceitos não deu o Senhor a seu povo para ensinar-lhe o respeito com que devia assistir àquelas religiosas cerimônias! Não obstante não ser tudo isto senão sombras e figuras do grande sacrifício da lei nova, era bastante para merecer todas as homenagens e para ocupá-los de um santo temor sempre que se achavam presentes a eles; e nós teremos sempre necessidade dos exemplos de um povo indócil e grosseiro para aprender a não ser ímpios? Será sempre necessário trazer-nos à memória aquelas sombras e figuras para fazer-nos assistir com menos irreverência ao sacrifício incruento do corpo precioso e do adorável sangue de Jesus Cristo, do qual não eram senão figuras

os sacrifícios e cerimônias da lei antiga? Pasmamos ao ver os terríveis açoites de que se serve Deus para castigar-nos. É verdade que temos em nossa mão com que aplacar um Deus irritado; a vítima que se sacrifica sobre nossos altares é mais que bastante para desarmar seu enojo. Mas ignoramos que é muito justo que Deus castigue com severidade a menor irreverência que se cometa contra ela? Oza cai morto de repente só por haver alongado a mão com pouco respeito para a arca, ainda que o fez por um motivo louvável; e que castigos não fez Deus sobre os que assistem sem respeito ao santo sacrifício! A justiça de Deus sempre é a mesma: a divina vítima sacrificada por nossos pecados se profana muitas vezes na mesma imolação. Quantas vezes o sangue do divino Cordeiro, derramado para alcançar misericórdia, clama ao céu por vingança contra a profanação e o sacrilégio! O herege é ímpio recusando crer a presença real de Jesus Cristo no sacrifício da missa; mas é menos irreligioso e menos criminoso o católico que, crendo esta real presença, assiste a este tremendo sacrifício com tanta irreligião e com tão pouco respeito?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 10 de São João.

João 10,11-16

> **Latim:** 11 Ego sum pastor bonus. Bonus pastor animam suam dat pro ovibus suis. 12 Mercenarius autem, et qui non est pastor, cujus non sunt oves propriæ, videt lupum venientem, et dimittit oves, et fugit : et lupus rapit, et dispergit oves ; 13 mercenarius autem fugit, quia mercenarius est, et non pertinet ad eum de ovibus. 14 Ego sum pastor bonus : et cognosco meas, et cognoscunt me meæ. 15 Sicut novit me Pater, et ego agnosco Patrem : et animam meam pono pro ovibus meis. 16 Et alias oves habeo, quæ non sunt ex hoc ovili : et illas oportet me adducere, et vocem meam audient, et fiet unum ovile et unus pastor.

Português: 11 Eu sou o bom Pastor. O bom pastor dá a propria vida pelas suas ovelhas. 12 Porém o mercenario, e o que não he pastor, de quem não são proprias as ovelhas, vê vir o lobo, e deixa as ovelhas, e foge: e o lobo arrebata, e faz desgarrar as ovelhas: 13 e o mercenario foge, porque he mercenario, e porque lhe não tocão as ovelhas. 14 Eu sou o bom Pastor: e eu conheço as minhas ovelhas, e as que são minhas me conhecem a mim. 15 Assim como meu Pai me conhece, tambem eu conheço a meu Pai: e ponho a minha vida pelas minhas ovelhas. 16 Tenho tambem outras ovelhas, que não são d'este aprisco: e importa que eu as traga, e ellas ouvirão a minha voz, e haverá hum rebanho, e hum pastor.

Meditação

Sobre o fim do ano

Primeiro ponto

Considera com que velocidade se passam os dias e os anos. Ditoso aquele que sabe aproveitar-se de todo tempo: ditoso aquele cujos dias são dias cheios. Todos corremos dia e noite ao sepulcro, sem que nada nos detenha, sem que nada seja capaz de prolongar o termo fixo de nossa morte: eis aqui que tens um ano menos de vida. Este ano passou e não voltará mais. Todos os nossos dias estão contados, e estes dias não nos foram dados senão para que trabalhemos no importante negócio de nossa salvação. O ano que acabamos não nos havia sido dado senão para que trabalhássemos neste grande e único negócio. Que consolo o daquele que procurou santificar todos os dias deste ano! Desenganemo-nos: o tempo da vida não nos foi dado para amontoar riquezas, para divertir-nos, para fazer fortuna. Este tempo é demasiado precioso para ser tão mal empregado. Deus tem outro fim muito diverso ao dar-nos um certo número de anos; pretende que o emprego que fizermos de um tempo tão curto nos mereça uma eternidade bem-aventurada. Bom Deus, que conta daremos a este Senhor rigoroso, a este juiz severo, de tão belas horas perdidas, de tantas ocasiões como tivemos durante este ano para ganhar o céu, para fazer um tesouro de merecimentos, se houvéssemos correspondido à graça e nos houvéssemos aproveitado de tão santas inspirações! Servo malvado e preguiçoso, dirá o Senhor enojado, que tens tão pouco zelo por meu serviço, pois tendo recebido de mim tanto, me devolves tão pouco; eu te tirarei esse talento que se malogra em tuas mãos; eu te tirarei esse tempo de que abusas tão indignamente: *Et tempus non erit amplius.* Então, abandonados a todos os rigores da justiça divina e precipitados nas trevas exteriores, atados de pés e mãos, isto é, privados para sempre da luz e da ajuda da graça, gemeremos eternamente, suspiraremos por estes dias e estes anos perdidos; desejaremos, mas em vão, fazer reviver um destes momentos de salvação de que fizemos em vida tão mau uso. Não aguardemos arrepender-nos então, pois podemos fazê-lo agora com proveito: formemos neste mesmo instante a resolução de aproveitar-nos de todo o tempo que de hoje em diante estiver à nossa disposição.

Segundo ponto

Considera que o fim deste ano deve lembrar-te o de tua vida, cuja duração é tão curta e tão incerta. O tempo que te resta por viver passará tão rapidamente como o que já viveste, e talvez te reste muito menos do que tu pensas. Quem sabe se viverás o que basta para ver o fim do ano seguinte, e ainda morrerás antes que este se acabe? Não há homem que não pense viver ainda um ou muitos anos; e contudo não há um que quisesse responder com seus bens, e muito menos com sua cabeça, pela vida de outro, nem ainda por poucos dias. De tudo isto que se deve concluir? Ouçamos o Apóstolo: Procurai, irmãos meus, escrevia aos de Éfeso, procurai andar com precaução: *Videte itaque, fratres, quomodo caute ambuletis.* (Ef 5.) Não como homens sem razão que deixam escapar as ocasiões preciosas de obrar sua salvação, mas como homens prudentes que tudo sacrificam por aproveitar-se do tempo, cujo preço conhecem, e para empregar bem uns dias tão curtos e tão críticos, cuja perda é tão de temer. Se não afrouxamos na prática do bem, escrevia ele mesmo aos de Galácia, colheremos a seu tempo o fruto de nosso trabalho. Obremos, pois, o bem

enquanto temos tempo para fazê-lo. *Tempore enim suo metemus non deficientes. Ergo dum tempus habemus, operemur bonum.* (Gl 6.) Não há uma ação boa e feita em graça de Deus, por pequena que seja, ainda que não seja mais que um vaso de água dado em nome de Jesus Cristo, que este Senhor não recompense com um aumento de graça nesta vida e de glória na outra. O mesmo Senhor é quem o diz. Quantas destas coroas perdemos já por nossa negligência, o que não podemos chorar bastantemente e por cuja perda devemos estar inconsoláveis! Mas seremos dignos de desculpa se deixamos escapar as que o céu nos apresenta ainda, só por empregar mal o tempo que nos concede para merecê-las? O tempo é curto, adverte-nos em outra parte o Apóstolo (1 Cor 7); e assim só há um partido que tomar, e é que todos os que usam das coisas deste mundo vivam como se não usassem delas; porque a figura deste mundo passa, e nós devemos levar nossos pensamentos mais além desta vida, até os bens sólidos e eternos que serão nossa recompensa. Julguemos agora quanto tempo perdemos e quantos abusos há que reformar em nossa vida. Porque, sem falar dos vícios e desordens grosseiras, quantas inutilidades e superfluidades acharemos nela! Quantas horas, e talvez dias inteiros, empregados em bagatelas, na ociosidade, nos cuidados de uma vã compostura, em visitar, em ver gentes, em jogar e fazer tudo o que não se devia fazer, deixando de fazer o que se devia fazer! Quantas ações se fazem todos os dias, com quantas obrigações, ainda das mais indispensáveis, se cumpre sem merecer a menor recompensa, porque não se obra nem por Deus nem segundo Deus!

Tenhamos de hoje em diante uma conduta inteiramente oposta à que acabamos de dizer, se queremos evitar a irreparável desgraça da perda do tempo; e ao menos acabemos santamente uma vida que empregamos tão mal. A graça, Senhor, que vos peço é que encontreis em minha vida dias cheios e que eu empregue o pouco tempo que me resta em servir-vos, em adquirir as virtudes que me faltam e em merecer o prêmio que vós tendes reservado a minha fidelidade.

Jaculatórias

Senhor, dai-me a conhecer meu fim e qual é o número de meus dias, para que conheça sua brevidade. (Sl 38.)

Encerrastes meus dias, reduzistes-os a uma medida muito curta, e a duração de meu ser é como um nada a vossos olhos. (Ibid.)

Propósitos

1. Acostuma-te a olhar cada dia como o último de tua vida, e isto desde pela manhã. Dize a ti mesmo: Deus me dá ainda este dia para que obre minha salvação. Não sei se verei o de amanhã; mas este só dia bem empregado me pode valer uma eternidade de bem-aventurança e de glória. Se Deus fizesse este favor a um daqueles que já acabaram sua carreira; se uma alma saísse por um só dia do inferno ou do purgatório, com faculdade de poder expiar seus pecados com a penitência e merecer o céu, que não faria esta alma? Deixaria um só momento vazio num tempo

tão curto e tão precioso? Sem dúvida que não. Os mesmos que estão já na glória teriam por um favor inestimável o ter ainda um dia em que pudessem merecer algum novo grau de santidade que os unisse mais perfeitamente com Deus. Por que hás de usar tu de outro modo do tempo? Aplica a este dia o que diz o Sábio: Não te prives das vantagens do dia bom e não percas parte alguma do bem que Deus te faz: *Non defrauderis a die bono, et particula doni boni non te prætereat.*

2. Aproveita-te das ocasiões que se te apresentam de fazer algum bem; ouve e segue com uma grande fidelidade a voz e as inspirações de Deus; propõe não fazer coisa alguma por costume; obra sempre do modo mais excelente e mais perfeito; assim o aconselha o Sábio: *In multis operibus tuis præcellens esto.* (Eclo 33.) Toma também este conselho do Eclesiastes: Faze ao instante e sem dilação todo o bem que puderes; porque no inferno, aonde te conduz o mau emprego do tempo, não haverá nem bem que fazer, nem razão de sabedoria, nem ciência que te ensine a fazê-lo: *Quodcumque facere potest manus tua, instanter operare: quia nec opus, nec ratio, nec sapientia, nec scientia erunt apud inferos, quo tu properas.* (Ecl 9.)

[^1]: A Escritura não diz se o Profeta lhes declarou o que significava aquela unção, nem se o declarou em particular a Davi, como havia feito a Saul quando o consagrou rei. Seja disto o que for, um assunto tão importante e de tão grandes consequências ficou sepultado num profundo segredo. Samuel, depois de haver obedecido a Deus, retirou-se; e Davi, depois de haver sido consagrado rei de Israel, volta a suas ovelhas. Esta unção deu a Davi o direito ao reino de Israel; mas não a posse, à qual não chegou senão depois da morte de Saul e à custa de muitos sofrimentos e trabalhos. Pretende-se que nesta ocasião compôs Davi o salmo 26, que tem por título: Salmo de Davi antes de ser ungido. (Scio, nota.)

[^2]: Que correspondem como a treze palmos dos nossos. (Scio, nota.)

[^3]: Matando Davi a Golias, merece ser louvado como se houvesse matado dez mil: elogio bem merecido, mas aplicado indiscretamente por aquelas mulheres. (Scio, nota.)

[^4]: A indiscrição destas mulheres nos há de servir de escarmento para que não profiramos palavras que possam indispor o próximo contra nós ou contra os demais. Ao mesmo tempo devemos considerar quanto nos convém evitar que chegue a tomar posse de nossa alma nenhuma paixão, mas principalmente a da inveja, a qual precipitou Saul nas mais horríveis crueldades e desvarios: e ela mesma é aquela fúria que cada dia faz os maiores estragos. Saul, desde este ponto, começou a olhar a Davi não somente como seu sucessor, mas como seu rival, e quis castigar nele não o delito de haver aspirado à coroa, mas o de que o haviam aclamado por digno de levá-la sobre sua cabeça. (Scio, nota.)

[^5]: Uns querem que na agitação com que nesta ocasião foi atormentado Saul tentou traspassar duas vezes a Davi; outros entendem que esta foi a segunda vez que evitou Davi este perigo. (Scio, nota.)

[^6]: A lei mandava que a arca fosse levada pelos levitas da família de Caat (Nm 4,15); e Oza, interpretando a lei a seu arbítrio, foi de parecer que a arca fosse em carro e não em ombros de levitas, como Deus mandava. Daqui é que recaía sobre ele a culpa de tudo o que podia sobrevir à arca. Os Intérpretes creem comumente que o castigo de Oza foi só temporal e que Deus lhe deu

lugar de arrepender-se de sua falta antes de morrer. (Scio, nota.)

[^7]: Esta resolução de Davi dá a entender que não ficou convencido da inocência de Mifiboset e que só por um efeito de sua bondade mandou devolver-lhe a metade de seus bens. Se é verdade, como creem muitos Intérpretes, que Siba estava presente, seu silêncio mesmo o condenava; e se estava ausente, Davi podia chamá-lo e apurar a verdade. Entretanto ficou castigado o inocente e o caluniador recompensado; e isto por aquele rei que se tinha pelo mais justo da terra. Isto mesmo avisa aos reis que temam muito os lisonjeiros. (Scio, nota.)

Revision #1
Created 20 November 2026 20:56:30 by Admin
Updated 20 November 2026 20:56:30 by Admin